

Roteiro Cinematográfico  
Longa metragem:

# **O SONHO DE MEIRE**

Roteiro

**Jailton Luiz da Silva**

Rua Irenio Fernandes Farias N°168  
Jardim Paulista – Tel.(11) 97999-3782  
Itapevi - São Paulo – SP  
06663-220  
e-mail jailtonjls\_@hotmail.com

Dezembro 2009

Versão atualizada  
Maio 2011

## **SUGESTÃO DE ATORES**

Meire.....	Isabelle Drummund
Dona Maria.....	Elizabeth Savala
Seu Zé.....	Antônio Fagundes
Ronalvo .....	Wagner Moura
Binho .....	Matheus Natchergaele
Antônio Dias .....	Othon Bastos
Jairo.....	Caio Junqueira
Marilene.....	Maria Ribeiro
Afonso .....	André Mattos
Menino Astrogildo.....	Menino da região
Suely .....	Laila Zaid
Pebinha .....	Gero Camilo
Cícero do Piau.....	Júlio Andrade
Mãe de Cícero do Piau.....	Laura Cardoso
Murilo.....	Stênio Garcia
Galega.....	Renata Sorrah
Funcionária do Museu .....	Cláudia Abreu
Delegado Marcolino.....	Milton Gonçalves
Miguel .....	Aramis Trindade

### **POR CENAS**

#### **INCÊNDIO NA FÁBRICA DA PEDRA**

Operários

#### **DERRUBADA DA MATA PARA PLANTIL DE PALMA**

Moradores da Vila 25

#### **JULGAMENTO NO CLUBE PALMEIRÃO**

Garis da prefeitura local

#### **ESCOLA FRANCISCA ROSA DA COSTA**

Professora Nicinha

Alunos da escola

## **SINOPSE**

Interior de Alagoas, ano de 1983, numa pequena cidade de 20.000 habitantes, próximo às margens do Rio São Francisco.

Meire é uma menina de 15 anos, ajuda o pai em uma pequena mercearia, está sempre de bem com a vida e seu maior desejo é conhecer o Rio São Francisco, o Velho Chico.

Dona Maria é mãe de Meire, uma excelente dona de casa, está sempre na cozinha e tem como fonte de renda, trabalhos com mesa branca (ela é uma vidente).

O pai de Meire, seu Zé, é um homem dedicado à família, está sempre na mercearia com a filha. Aos domingos, seus clientes se reúnem em seu estabelecimento, ponto de partida para o rio.

Ronalvo cuida de uma sorveteria e não larga seu rádio gravador. Seu melhor vendedor é Binho, sempre com seu carrinho de picolé, um verdadeiro andarilho, chega primeiro em todos os acontecimentos da cidade.

Afonso, amigo de Binho, gosta muito de beber cerveja e de jogar bilhar. Suas bebedeiras não têm limites, tudo pra ele é tira-gosto, gato, cobra, lagartos e outras espécies nativas.

Pebinha, um cachaceiro daqueles bem pé de balcão, prefere morrer do que parar de beber.

Murilo e Galega, um casal de pescadores, vendem peixes de origem duvidosa, já que o açude da cidade está poluído e a pesca está proibida.

Esta estória é baseada em fatos reais: incêndio na fábrica de tecelagem Pedra S/A, acidente de carro, julgamento de marido traído, comunidades que se alimentam de cobras, ratos, tatupebas, calango e outros bichos da região e casos de afogamentos.

## O SONHO DE MEIRE

### **CENA 01 – RIO SÃO FRANCISCO – EXT – DIA**

Longa tomada aérea do Rio São Francisco, saindo da cachoeira de Paulo Afonso, até o povoado Lagoinha, cidade de Delmiro Gouveia (AL).

Plano de apresentação onde se sobrepõe os letreiros iniciais. Ao som da música “Ave Maria”, finalizando com um mergulho no rio.

**DETALHE:** uma cruz fixada em uma pedra dentro do rio.

### **CENA 02 – CASA DE MEIRE, BANHEIRO – INT – DIA**

A música anterior, “Ave Maria”, vai diminuindo e mesclando com a voz de Meire cantando a música do Balão Mágico enquanto toma banho. Sua voz segue pelas próximas cenas.

#### **MEIRE (cantando)**

Super fantástico amigo!  
Que bom estar contigo  
No nosso Balão!

Vamos voar novamente  
Cantar alegremente  
Mais uma canção

Tantas crianças já sabem  
Que todas elas cabem  
No nosso balão

Até quem tem mais idade  
Mas tem felicidade  
No seu coração

Sou feliz, por isso estou aqui  
Também quero viajar nesse balão!

### **CENA 03 – QUINTAL – EXT – DIA**

As galinhas ciscam pelo terreiro. O brilho do sol invade o quintal sob as folhas das árvores, ao som do canto dos pássaros.

Detalhe na porta da cozinha. Meire entra com uma vasilha com milho para as galinhas. Segura um pintinho em suas mãos e o beija. Fundo musical com a música do Balão Mágico.

**MEIRE**

Ti, ti, ti. Ti, ti, ti!!!

Nossa! Mas que pintinho lindo meu Deus.

Chega meu filhinho vem pra mamãe,

Que coisa fofinha.

Agora vá a sua mãe já está furiosa comigo,

Duque, um cão vira-lata está acorrentado a uma árvore

**MEIRE**

Duque, a sua comida chega já que coisa.

Eu sou uma só. Vai chega a sua vez.

Cachorro só pensa em comer.

Meire segura a cabeça de Duque, fazendo carinho e o solta.

**MEIRE**

Pronto, Duque, agora você está solto.

Também, por que pai, prende tanto esse cachorro?

Deve ser muito triste passar o dia inteiro preso. Só comendo e bebendo, comendo e bebendo, sem poder nem dar uma voltinha.

Meire vai até um jardim de flores, no recanto do quintal. Rega e conversa com as plantas. Depois retira algumas flores.

**MEIRE**

Bom dia, minhas plantinhas, como passaram a noite?

Faz dias que não chove, não é mesmo?

Mas não se preocupem porque, enquanto tiver água no rio São Francisco, vocês não morrem de sede.

**CENA 04 – COZINHA – INT – DIA**

Detalhe no vapor que sai do café que está no fogo. Dona Maria chama Meire. (Dona Maria uma senhora de cor branca, uns 50 anos de idade, uma pessoa calada).

**DONA MARIA (OFF)**

Meire minha filha chegue, o café está na mesa.

**MEIRE (V.O.OFF)**

Já estou indo mãe, estou colocando água nas plantas.

Dona Maria coloca café nas xícaras. Meire chega com flores em um vaso que coloca em cima da mesa e vai até sua mãe e a beija.

**MEIRE**

Bênção mãe.

**DONA MARIA**

Deus lhe abençoe minha filha.

Essas flores são lindas!

**MEIRE**

É pra senhora, mãe.

**DONA MARIA**

Obrigada, filha, adoro flores.

**MEIRE**

Um! Mãe esse café tá uma delicia.

**DONA MARIA**

É que é feito com amor, minha filha.

Tudo que é feito com amor é bom.

**MEIRE**

Por falar em amor mãe, se eu pedir uma coisa, a senhora deixa?

**DONA MARIA**

Depende...

**MEIRE**

É que hoje vai um monte de gente pra o rio da Lagoinha...

**DONA MARIA**

Não, nem pensar. Você é apenas uma criança, só tem 15 anos de idade. Lá é muito perigoso.

**MEIRE**

Mãe, lá deve de ser muito bonito, não é?

**DONA MARIA**

É, minha filha! Mas nem tudo que é bonito presta e é seguro. A resposta é não.

Esqueça esse assunto e vá chamar o seu pai para tomar o café. Você fica na mercearia e

nunca mais fale em rio aqui, entendeu? Vai,  
minha filha.

**CENA 05 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Seu Zé, pai de Meire e dono da mercearia, limpa o balcão. Ele tem um problema de fala, é gago. Chegam Galega e Murilo, um casal de pescadores. Ela coloca uma sacola de peixes em cima do balcão. O casal são pessoas simples, ela tem um jeito mulher macho, chapéu de palha na cabeça e vestida como homem.

Pebinha chega, puxa uma cadeira e senta-se próximo ao balcão. Ele é alcoólatra, magro e de estatura baixa.

**PEBINHA**

Bom dia, meu Capitão!

**SEU ZÉ**

Bom dia, Pebinha!

**SEU ZÉ**

Ei, Galega, você vai deixar esses peixes aqui?

Olha, peixe na água cheira e fora da água fede.

Você quer espantar a minha freguesia?

**GALEGA**

Não é isso não, homem! Eu trouxe esses peixinhos pra vender. Pesquei no rio da Lagoinha.

**SEU ZÉ**

Esses aqui... têm cara de peixe do açude.

**GALEGA**

Foi não, homem, aquele açude tá poluído, é proibido pescar lá. Se a polícia pega, dá uma cadeia lascada.

Meire chega com um gesto amoroso e toda sorridente, abraça o pai.

**MEIRE**

Bom dia, pai.

**SEU ZÉ**

Bom dia, filha!

**MEIRE**

Pai, pode ir tomar o seu café que eu fico

aqui.

Seu Zé sai com a sacola de peixes. Meire limpa os litros de aguardente na estante com um espanador. Pebinha corre em direção ao balcão e implora por uma dose de cachaça.

**PEBINHA**

Meire, minha neguinha, coloque uma dosinha pro seu capitão.

**MEIRE**

Não e não...

**PEBINHA**

Só uma pra o seu velho capitão adoçar a goela.

**MEIRE**

Você sabe que toda vez que bebe cai pelo chão, se babando todo como se fosse morrer, e eu que tenho de limpar o chão.

Pebinha balança a cabeça de um lado a outro. Insiste em tomar a dose e segura em suas mãos um copo que está em cima do balcão.

**PEBINHA**

Eu já morri faz é tempo!  
Quem tá aqui é a carcaça do Pebinha.  
Coloca logo. Daqui a pouco o seu pai volta.

**MEIRE**

Não e não, olha só o seu estado, Pebinha, você tá só o couro e osso.

Meire, balança a cabeça, encosta-se no balcão, coloca a sua mão no queixo, e dá conselhos para Pebinha.

**MEIRE**

Pebinha, porque você não para de beber?  
Arruma uma namorada, um trabalho, vai viver a vida. Tem tantas coisas boas, olha só, tem o carnaval, São João, as festas de final de ano, sem contar com as festa que os políticos promovem para ganhar as eleições. E você só na cachaça, não vê nada disso. É isso que você quer para sua vida?



Pebinha encosta-se no balcão, coloca o copo próximo a Meire, irritado.

**PEBINHA**

Se for pra eu parar de beber, prefiro a morte!  
Então porque você e o seu pai vendem  
cachaça? Quer saber, vocês gostam muito é  
de dinheiro.

Meire irrita-se com as palavras de Pebinha. Ao fundo, seu Zé vem chegando.  
ela pega o litro de pinga e coloca a dose.

**MEIRE**

Tudo bem! Toma, você quer beber, então  
beba.

**PEBINHA**

Essa não! Ferrou-se tudo, lá vem seu pai.  
Agora eu não tomo minha dose.

Pebinha toma a dose de cachaça de uma vez só. Depois sai se segurando  
pelas paredes e senta na cadeira levando o copo com ele. Detalhe no copo  
na mão muda a cena.

**CENA 06 – RINHA DE GALO – INT – DIA**

Dois galos brigando dentro da arena. Muito barulho, gente torcendo,  
apostadores gritando, som de batucada.

**MIGUEL E OS APOSTADORES**

É isso aí! Vai, derruba esse choco!  
Isso! Vai, derruba, vai!

**BINHO**

Derruba! Ganha que essa é nossa!  
Vai, meu mesclado, ganha essa luta!

Na arquibancada, Miguel e Binho agita a briga dos galos, grita, segura  
dinheiro em suas mãos, gesticula com muita euforia, torcendo pelo seu galo.  
Detalhe no rosto de Miguel.

**BINHO**

É isso aí, meu mesclado, derruba ele, vai!  
Deixa ele no chão! Vamos, meu mesclado,  
vamos ganhar! Derruba logo esse frango de  
macumba!  
Ganhei! Ganhei, ganhei, esse é nosso,

ganhei! Agora ele vai pra panela! Eita! O bar do veio gago espera por nós!

Binho invade a arena aos gritos, pega o galo perdedor e pula para fora, festejando a vitória. Abre a tampa do carrinho de picolé e coloca o galo dentro.

### **CENA 07 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Mesas na calçada, clientes bebem e jogam sinuca. Algumas crianças correm e outras jogam pebolim.

### **CENA 08 – RUA – EXT – DIA**

Binho empurra o carrinho de vender picolé em direção à mercearia São José. Próximo à mercearia, Duque ronda e provoca outro cachorro. Binho vê os cães prontos para brigar.

#### **BINHO**

Eita, o Duque tá solto. É hoje que o bicho pega.

Ele pega um punhado de areia e joga entre eles. Os cães iniciam a briga.

#### **BINHO**

Vai, Duque, ataca esse vira-latas!  
Vai que eu aposto em você!  
Mostra quem manda nessa rua!

### **CENA 09 – CASA DE DONA MARIA / QUARTO DE ORAÇÕES – INT – DIA**

Detalhe da mesa coberta com um pano branco. Sobre a mesa há um vaso de flores e uma vela acesa; na parede há retratos de santos; na estante, estátuas e outros artigos religiosos. Dona Maria reza.

#### **DONA MARIA**

Meu Deus, proteja minha família, esta casa que também é o seu lar. Nossa senhora, cubra com o seu manto sagrado.

### **CENA 10 – RUA – EXT – DIA**

Duque morde o pescoço do outro cachorro. Seu Zé vem com uma corrente para prender Duque, que não larga o cachorro por nada. Binho continua agitando, deixando os cães mais furiosos.

#### **SEU ZÉ**

Solta, Duque! Larga esse cachorro, vamos.  
Para com isso, Duque!

#### **BINHO**

Para não, Duque, mata ele, mata esse vira-

lata.  
Mata esse cão!

**CENA 11 – QUARTO DE DONA MARIA – INT – DIA**

Dona Maria em frente à mesinha, de joelhos, reza com os olhos fechados.

**DONA MARIA**

Interceda por mim junto ao Senhor Jesus.  
Oh, Nossa Senhora, me ajuda tirar da  
cabeça da minha filha a vontade de ir para  
esse rio São Francisco, pois só Deus

sabe o perigo que lá oferece. Minha filha é  
tão nova, oh, Nossa Senhora, eu tenho tanto  
medo de algo acontecer a ela.

**CENA 12 – RUA – EXT – DIA**

Binho, grita, agita a briga dos cães enquanto seu Zé, com uma corrente nas  
mãos, tenta separar a briga.

**BINHO**

Deixa, seu Zé, Duque tá ganhando.  
Esse Duque é muito bom!  
Ele é igual o meu Mesclado não perde uma.

**SEU ZÉ**

Binho, vai vender o seu picolé! De meu  
cachorro cuido eu. Não me faça perder a  
paciência.

Seu Zé consegue separar a briga dos cães, coloca a corrente em Duque e  
leva-o para dentro de casa.

**SEU ZÉ**

Meire! Essa menina me paga! Mas vai ser  
uma surra, que vai ficar na história. Meire!

**CENA 13 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Meire fica escondida atrás da porta da mercearia, apavorada, ouvindo os  
gritos do pai.

**CENA 14 – CASA DE DONA MARIA / COZINHA – INT – DIA**

Dona Maria lava a louça. Meire vem correndo, abraça sua mãe por trás e  
beija o seu cabelo.

**MEIRE**

Mãe, pai quer me dar uma surra.

**DONA MARIA**

É mesmo, minha filha? E o que foi que você

fez?

**MEIRE**

Nada, mãe, eu não fiz nada!

**DONA MARIA**

Minha filha, tanto que eu falei pra você não soltar o cachorro. Você já está cansada de saber que o seu pai não quer esse cachorro solto.

**MEIRE**

Ah, mãe, o Duque vive preso!

**DONA MARIA**

Mas, minha filha, é só um cachorro.

**MEIRE**

Eu sei, mas como pode um ser vivo passar o dia inteirinho acorrentado, sofrendo?

**CENA 15 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Seu Zé, no balcão, atende aos clientes. Pebinha, encostado no balcão, segura um copo vazio, espera que alguém lhe pague uma dose.

**PEBINHA**

Coloque só uma, meu Capitão.

**CENA 16 – RUA, EM FRENTE À MERCEARIA – EXT – DIA**

Binho chega e retira de dentro do carrinho o galo preto, ergue para o alto como se fosse um troféu e grita com felicidade.

**BINHO**

Olha... Fonso, que coisa linda! Agora ele vai pra panela. A gente vai comer o bicho tomando cachaça.

**CENA 17 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Afonso é um homem gordo que joga sinuca. Ele solta o taco em cima da mesa, esfrega a barriga com a mão e responde aos gritos.

**AFONSO**

Ei, seu Zé, manda aí um litro de pinga, pra nós comemorar com esse galo choco. Traz o bicho aí, Binho, que eu tô morrendo de fome.

Seu Zé olha para os dois, balança a cabeça e pega um litro de pinga e coloca no balcão.

**SEU ZÉ**

Pronto, só me faltava essa...  
Tem peixe lá dentro, e o cara me traz um  
galo vivo, e quer que eu mate... Essa não...

Binho coloca o galo em cima do balcão, beija a cabeça do galo. Seu Zé pega o galo observando seu peso, em seguida dá uma risadinha e chama a Meire.

**SEU ZÉ**

Meire, chegue aqui, por favor.  
Venha aqui minha filha...

Detalhe no litro em cima do balcão. Pebinha vai empurrando o copo lentamente até o litro. Afonso puxa o litro. Pebinha implora por uma dose de pinga.

**PEBINHA**

Oh, meu Capitão, coloque aqui só uma.  
Eu tomo e vou pra casa.

**AFONSO**

Não, não pode ir pra sua casa.

**PEBINHA**

Oh, meu Capitão, só uma, vá.  
Coloque aqui, esse copo é meu.

**AFONSO**

Não, você já está bêbado!

**PEBINHA**

Bêbado não, eu tou melado!  
Melado é diferente, entendeu?

Binho toma o copo das mãos de Pebinha, ameaça entregar para seu Zé.

**BINHO**

Ei, seu Zé, leva esse copo pra pia.  
Pebinha, já bebeu muito por hoje.  
Já chega, não é?

**PEBINHA**

Oh, meu capitão oh... esse copo é meu...

**BINHO**

Esse copo é do seu Zé.

**PEBINHA**

Não, é meu...

Pebinha fica irritado, mas se acalma quando Binho lhe devolve o copo.

**PEBINHA**

Meu capitão, coloca uma dosinha...

Binho enche o copo de pinga. Pebinha toma de uma vez só. Depois pega o galo em cima do balcão.

**PEBINHA**

Meire não vai matar esse galo!

Não vai. Que apostar?

**AFONSO**

Ei, Pebinha, vira essa boca pra lá!

**PEBINHA**

Não! Eu sei que ela não vai matar esse galo.

**AFONSO**

Sai, sai de perto de mim. Toma do meu litro e ainda deseja o mal pra mim.

**BINHO**

A Meire, é boazinha ela vai matar o galo, sim.

**PEBINHA**

Oh, capitão, você mesmo falou que ela é uma menina boazinha, ela não vai matar, duvido.

**AFONSO**

Meire, vem logo que o litro tá acabando.

Afonso encosta no balcão e chama seu Zé, esfrega as mãos na barriga mostrando que está com fome.

**AFONSO**

Oh, seu Zé, Meire vem ou não?

Esse galo vai ou não vai pra panela?

**SEU ZÉ**

Vai sim! Meire, filha, venha aqui. Quanta

demora.

**CENA 18 – COZINHA – INT – DIA**

Dona Maria coloca tempero no feijão. Meire está a seu lado com medo do pai.

**DONA MARIA**

Meire, vai, seu pai está chamando.

**MEIRE**

Ah, mãe, eu estou ajudando a senhora.  
E já esqueceu que pai que me bater?

**DONA MARIA**

Isso já passou.

**MEIRE**

Até parece que sou filha única nessa casa.  
É sempre Meire faz isso, Meire faz aquilo,  
parece que é só eu aqui nessa casa.  
E se for pra me dar uma surra, hem? Hem,  
mãe, esqueceu que pai que me dar uma  
surra?  
Com certeza que é uma surra, só porque eu  
soltei o Duque.

**SEU ZÉ ( V. OFF )**

Oh, Meire, chegue pegar esse galo.

**DONA MARIA**

Filha, você conhece seu pai. Deve ser para  
ajudar ele na mercearia. O seu pai já gritou  
tanto. Vá ver o que ele quer.

**CENA 19 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Detalhe no galo em cima do balcão. Meire chega na mercearia.

**MEIRE**

Me chamou, pai?

**SEU ZÉ**

Chamei, sim, filha!  
Mate esse galo e traga para os meninos.

**MEIRE**

Não pai, vai matar o bichinho? Não, olha os  
olhinhos dele olhando pra mim. Olha, à  
cabeça do bichinho, toda ferida. Eu não vou

matar não...

Pebinha levanta da cadeira. Detalhe no copo em sua mão. Ele vai até o balcão e coloca lenha na fogueira.

**PEBINHA**

Eu num falei? Num falei que ela não ia matar? Eu conheço essa neguinha, ela não mata nem mosca. Matar um galo? Essa é boa... mate não neguinha. Depois, o pecado vai ficar em suas costas.

Binho mostra o galo pra Meire e faz cara de coitado e insiste que leve o galo para cozinha.

**BINHO**

Que isso, Meire? Vai, leve o galo pra cozinha.

**PEBINHA**

Mate não, Meire.

**BINHO**

Ei, Pebinha a conversa ainda não chegou no chiqueiro. Sai fora.

**PEBINHA**

Porque vocês não comem peixe? Seu Zé tem peixe fresquinho. Comprou hoje da Galega. Mas é cada uma nesse bar, agora eu vi o diabo com cara de anjo.

**BINHO**

Meire, vá que eu te dou o primeiro pedaço. Faça isso pra o seu amigo.

**MEIRE**

Sai fora! O primeiro pedaço é meu...  
E por acaso eu tô passando fome tô?

Seu Zé coloca o galo nos braços de Meire.

**SEU ZÉ**

Leva esse galo, menina.

Meire coloca o galo de volta no balcão.



**MEIRE**

Levo não.

Seu Zé põe o galo de novo nos braços de Meire.

**SEU ZÉ**

Com medo de matar um galo? Agora vai, leve esse galo pra cozinha.

**MEIRE**

Tá bom, tá bom, eu levo.

Meire segura o galo em seus braços e vai pra cozinha reclamando.

**MEIRE**

Pronto era só o que me faltava. Agora virei assassina de galo. Esse vai ser pai dos meus pintinhos.

**PEBINHA**

Mate não, neguinha, o galo é bom de raça. Por que vocês não matam? Querem jogar o pecado nas costas dela. Mate não, neguinha. Tem peixe aí, que o meu capitão comprou da Galega.

#### **CENA 20 – COZINHA – INT – DIA**

Meire abre a porta da cozinha, beija a cabeça do galo e solta-o no quintal.

**MEIRE**

Vai galo! O bichinho já apanhou tanto! Eu não vou puxar seu pescoço, não.

#### **CENA 21 – QUINTAL – INT – DIA**

O galo solto no quintal corre atrás das galinhas. Duque fica agitado, latindo.

#### **CENA 22 – COZINHA – INT – DIA**

Dona Maria lava a louça na pia. Olha pra Meire e balança a cabeça.

**DONA MARIA**

Meire, pegue esse galo. Faça o que seu pai lhe pediu.

**MEIRE**

Ah! Mãe matar o bichinho! Ele já apanhou tanto. Olha a cabeça dele, toda sangrando. Dá uma pena dele.

**DONA MARIA**

Filha, traga esse galo aqui, que eu puxo o pescoço dele. Faça isso, o seu pai chega já atrás desse galo.

Meire, na porta da cozinha, olha as galinhas do terreiro.

**MEIRE**

Ai, mãe, eu me arrepio toda só de pensar. Não, melhor não matar o bichinho.

**DONA MARIA**

E você tem ideia do que vai falar para o dono do galo?

**MEIRE**

Já sei! Tem carne na geladeira, mãe?

**DONA MARIA**

Ah, não, você não tá querendo enganar esse povo com outra carne, né?

**MEIRE**

Ih, com a fome que eles tão, eles comem até capim. A senhora coloca um monte de pimenta, quero ver um reclamar.

**DONA MARIA**

E se o seu pai descobre? Isso é loucura.

Dona Maria coloca as mãos nos bolsos do avental. Entrega algumas notas de cruzeiros nas mãos de Meire.

**DONA MARIA**

Corre que a granja de Dona Lika está quase fechando. Lá tem galinha fresquinha, matada na hora. Compre a mais gorda. Vamos matar a fome desses esfomeados.

Com um grande sorriso, Meire beija a mãe e sai correndo.

**CENA 23 – GRANJA DE DONA LIKA – EXT – DIA**

Fachada da granja. Chega Meire, cansada, para em frente e respira fundo.

**CENA 24 – GRANJA DE DONA LIKA – INT – DIA**

Meire entra na granja, olha para o relógio na parede que marca 18 horas, ela abre a mão coloca no balcão o dinheiro todo amassado.

**MEIRE**

Boa tarde, dona Lika.

**DONA LIKA**

Boa tarde, Meire. Como vai a sua mãe?

**MEIRE**

Vai bem! Cuidando da casa como sempre.  
Dona Lika, pegue a galinha mais pesada e bem gorda.

Dona Lika coloca uma galinha na balança. Em seguida, entrega-a nas mãos de Meire e recebe o dinheiro.

**MEIRE**

Obrigada, dona Lika. Eu vou indo, mãe me espera.

**DONA LIKA**

Vai, filha, lembranças para sua mãe.

#### **CENA 25 – COZINHA – INT – NOITE**

Dona Maria corta a carne da galinha e coloca os pedaços na panela. Meire abre a geladeira, pega coentro, cebola e outros temperos.

**MEIRE**

Agora é só o tempero pegar gosto, não é, mãe?

**DONA MARIA**

É sim! E esses cachaceiros matam a fome deles.

**MEIRE**

Hum! Mãe, coloca mais uma pimentinha para aumentar o sabor.

Dona Maria coloca o prato com galinha nas mãos de Meire e pisca o olho. Meire ri e responde com o mesmo gesto.

**DONA MARIA**

Agora, deixe na mesa e volte para cozinha.

**MEIRE**

Deixa comigo.

#### **CENA 26 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – NOITE**

Detalhe nos litros de pinga sobre a mesa. Afonso e Binho esperam ansiosos

pelo tira gosto. Afonso esfrega as mãos na barriga, enquanto toma a pinga.

**AFONSO**

Dois litros de pinga e esse galo não vem.

**BINHO**

Calma Fonso, segure sua fome que o galo já vem.

Detalhe no prato nas mãos de Meire. Ela se aproxima toda sorridente. Binho cutuca Afonso ao ver Meire se aproximar da mesa e toma um gole de pinga. Afonso esfrega sua barriga ao ver o prato e fica todo feliz da vida.

**AFONSO**

Aqui, Meire, não precisava tanta pressa. Coloque aqui. Essa menina é de ouro, meu Deus. E traga mais um litro. Ela é muito rápida não é Binho?

**BINHO**

Eu falei pra você, Fonso, era só ter calma.

Binho pega um pedaço de galinha e oferece para Meire, que recusa.

**BINHO**

É seu, Meire, o primeiro pedaço.

**MEIRE**

Não, obrigada!

**BINHO**

Ah, não, Meire, você não vai fazer uma desfeita dessa comigo, vai?

Meire olha para Pebinha caído sobre a mesa, completamente bêbado. Detalhe na mão dele segurando o copo.

**MEIRE**

Tudo bem, eu aceito, sim. Obrigada.

Meire vai até Pebinha. Acorda-o. Pega o copo de sua mão e senta-o na cadeira.

**MEIRE**

Ei, Pebinha... acorda. Pebinha... levanta... Pegue isso pra você comer. Vai pra casa, vai

descansar um pouco.

Pebinha ergue o rosto, olha para Meire, aceita o pedaço de carne de galinha. Detalhe da mão trêmula, segurando o pedaço de carne.

**PEBINHA**

Eu vou pra casa sim, neguinha. Obrigado, você é muito gentil, eu vou, sim. Mas tu coloca só uma dosinha pro seu velho capitão poder ir pra casa?

**MEIRE**

Não, seu velho Capitão... Você vai sem tomar nenhuma dosinha...

**PEBINHA**

Eu vou, neguinha, eu vou...

Pebinha sai no sentido da rua. Ao fundo, seu Zé no balcão com o olhar voltado para sua filha. Binho e Afonso sentados ainda na mesa, bêbados, tomam o último gole de pinga.

**AFONSO**

Essa menina é de ouro Binho.

**BINHO**

É, Fonso, ela é o braço direito do velho. Olha quanta generosidade.

Detalhe no prato com os restos das ossadas da galinha. A mesa toda suja com cinzas de cigarro e resto de casca de limão. Seu Zé recolhe os litros da mesa. Binho e Afonso levantam-se da mesa.

**AFONSO**

Seu Zé ,a conta.

**BINHO**

Por hoje, chega.

### **CENA 27 – COZINHA – INT – NOITE**

Dona Maria sentada à mesa, toma café. Meire chega, arrasta uma cadeira para sentar-se. As duas dão muitas risadas.

**DONA MARIA**

Sente-se aqui, minha filha... Me conta, deu certo?

**MEIRE**

Deu sim, eles comeram feito bicho.

Meire levanta-se, passa a mão em sua barriga imitando Afonso e sua voz grossa.

**MEIRE**

“Aqui, Meire, aqui... Coloque aqui, não precisava tanta pressa. Pegue um pedaço pra você. O primeiro pedaço é seu. Você não vai fazer essa desfeita vai? Essa menina é de ouro.”

Mãe, que saber? Parece que nunca viram comida. Pareciam mais uns esfomeados.

Meire abraça sua mãe e beija-a no rosto. As duas caem na gargalhada sem parar.

**MEIRE**

Oh! Mãe, muito obrigada.

**DONA MARIA**

Não foi nada minha filha.

**MEIRE**

Foi só uma mentirinha não é?

**DONA MARIA**

Oh! E que mentirinha...

**CENA 28 – RUA – EXT – NOITE**

Pebinha segura-se em um muro para não cair. Conversa com as paredes enquanto cambaleia.

**PEBINHA**

Me larga, eu sei o caminho. Eu vou sozinho, eu sei o caminho pode deixar. Minha casa, tá perto. Agora me larga, eu vou pra casa.

**CENA 29 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – NOITE**

Binho e Afonso saem abraçados. Seu Zé arruma as mesas dentro da mercearia.

Fachada da mercearia. Seu Zé fecha a porta e as luzes se a pagam.

**CENA 30 – RUA – EXT – NOITE**

Rua em silêncio. Não há ninguém. Barulho de grilos. Nuvens carregadas de chuva.

Detalhe do reflexo da luz que sai do poste. Cai uma chuva fina. A câmera acompanha a calçada até encontrar Pebinha caído ao relento.

**CENA 31 – RUA, EM FRENTE À IGREJA NOVA – EXT – NOITE**

Binho caminha pela rua empurrando seu carrinho de picolé. A chuva cai em seu rosto. Ao fundo, a vista da torre da igreja.

**CENA 32 – RUA, EM FRENTE AO CEMITÉRIO – EXT – NOITE**

Afonso passa em frente ao cemitério local. Rua escura. Som de latidos de cães, barulho de grilos e chocalho de animais no pasto. A chuva fica mais forte. Detalhe do portão do cemitério.

**CENA 33 – PENSÃO / QUARTO DE BINHO – INT – NOITE**

Binho deixa o carrinho no corredor, passa a corrente e trava o cadeado. Entra em seu quarto e se joga na cama.

**CENA 34 – AÇUDE DELMIRO GOUVEIA – EXT – DIA**

Paredão do açude. Imagem do nascer-do-sol. Chega a Galega com seu marido. Eles jogam a rede de pesca.

**CENA 35 – PONTE DO DESVIO – EXT – DIA**

Passa um casal conduzindo uma carroça de burro, levando blocos. Ao fundo, vista dos trilhos da antiga ponte de ferro.

**CENA 36 – SORVETERIA ESPERANÇA – EXT – DIA**

Fachada da sorveteria. Alguns carrinhos de vender picolé parados em frente. Sai um menino com uma caixa de isopor. Binho para o seu carrinho em frente à sorveteria. Retira uma caixa de isopor de dentro do carrinho e olha para dentro da sorveteria.

**CENA 37 – SORVETERIA ESPERANÇA – INT – DIA**

Ronalvo, distraído, muda as estações do rádio gravador em cima do balcão. Binho entra com a caixa de isopor. Aproxima-se do balcão e bate na caixa, surpreendendo Ronalvo.

**RONALVO**

Putal! Binho assim você me mata, cara...

**BINHO**

Ronalvo, coloca uma música aí pra nós.  
Eita bichão bonito! Vende?

Binho encosta o seu ouvido no rádio gravador.

**RONALVO**

Vendo não, Binho! Isso aqui é meu de estimação. Quando eu vou pra o rio da Lagoinha, levo comigo.

**BINHO**

Então, coloca picolé nessa caixa até a

tampa. Com esse sol, o dia hoje promete.

**RONALVO**

Você é quem manda, Binho.

**CENA 38 – RUA – EXT – DIA**

Binho coloca a caixa de isopor no carrinho e vai empurrando até a mercearia São José.

**CENA 39 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Seu Zé sai com a bicicleta com bagageiro para fazer uma entrega. Cumprimenta Binho que vem chegando.

**BINHO**

Bom dia, seu Zé.

**SEU ZÉ**

Bom dia, Binho!

**CENA 40 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Meire está em cima de um banquinho, limpando os litros na estante com um espanador. Binho chega em silêncio, encosta-se no balcão e a observa. Meire leva um susto ao perceber a presença de Binho.

**MEIRE**

Eita, Binho! Quer me matar de susto?

**BINHO**

Eita, que hoje tá é todo mundo assustado por aqui. , faz um pão com mortadela daqueles?

Meire desce do banquinho, larga o espanador, pega uma faca e corta uma fatia de mortadela. Pega um pão e prepara um sanduíche para Binho.

**MEIRE**

Já sei... Binho, café ou refrigerante?

**BINHO**

Uma cajuína bem gelada, para curar a ressaca.

**CENA 41 – PRAÇA PADRE CÍCERO – EXT – DIA**

Binho passa ao lado da praça, dois meninos compram picolés. Ao lado passa um homem montado a cavalo.

**ASTROGILDO**

Ei, Binho, me dá dois picolé... O meu é de jaca.



**BINHO**

E o seu menino?

**MENINO**

Eu quero de morango.

**CENA 42 – IGREJA NOVA – EXT – DIA**

Os sinos da igreja tocam. Passa um cortejo fúnebre ao lado. Binho fica entre a multidão e aproveita para vender picolés.

**BINHO**

Quem é o azarado?

**MIGUEL**

E não é o filho de Zé da feira?

**BINHO**

Ele morreu de quê?

**MIGUEL**

E num foi ontem, no rio da Lagoinha?

**BINHO**

Ele não sabia nadar?

**MIGUEL**

No mínimo! Se soubesse, não tava aí nesse caixão hoje.

**BINHO**

E o pai dele, como tá?

**MIGUEL**

Doido. Também... não era pra menos, uma criança nessa idade.

**BINHO**

Deus me livre... Mas aquele rio é o cão. Se o cara não tiver cuidado... ele se arromba.

**CENA 43 – PREFEITURA MUNICIPAL – EXT – DIA**

Dois senhores sentados no banco da praça em frente à prefeitura, Binho passa na rua vendendo picolé. Ele para, olha para os dois senhores e oferece picolé. Ao lado de Binho, passa um menino com um carrinho de mão levando as compras de uma senhora.

**BINHO**

Vocês aí, ninguém chupa não é?

**SENHOR**

Tem de amendoim?

**BINHO**

Tem de tudo, aqui é o melhor picolé da região.

Valeu! O negócio é chupar para passar o tempo.

Binho vai descendo a rua em frente à igreja nova. Ele vai se afastando e a imagem vai subindo até mostrar o céu azul. Muda para a cena seguinte.

**CENA 44 – ESCOLA FRANCISCA ROSA – EXT – DIA**

Céu azul. A câmera vai descendo e enquadra Binho em frente à escola.

**CENA 45 – CASA DE DONA MARIA – INT – DIA**

A TV na sala exibe o programa do Balão Mágico, em preto e branco. O som está alto. Dona Maria grita por Meire.

**DONA MARIA (OFF)**

Meire... Anda logo com esse banho, menina.

Já está na hora da escola. Cuide para não atrasar na aula.

**CENA 46 – BANHEIRO – INT – DIA**

Meire canta a música do Balão Mágico durante o banho, junto com o programa na TV.

**MEIRE**

Sou feliz por isso estou aqui também quero viajar nesse balão...

Dona Maria bate na porta.

**DONA MARIA (OFF)**

Vai perder a aula, Meire!

**MEIRE**

Já vou, mãe, eu tô terminando. Me traga uma toalha!

**CENA 47 – SALA – INT – DIA**

Meire, vestida de colegial, com os cadernos na mão, distraída assistindo ao programa do Balão Mágico.

Dona Maria vem em silêncio por trás de Meire. Assusta Meire ao lhe dar uns croquis em sua cabeça, em seguida desliga a TV.

**DONA MARIA**

Vai perder a aula é?

**MEIRE**

Aí mãe, essa doeu. A senhora me assustou.

**DONA MARIA**

Eu só quero ver se você vai perder a aula hoje.

**MEIRE**

Eu já vou... A senhora parece que fez, um buraco na minha cabeça, ai...

**CENA 48 – ESCOLA FRANCISCA ROSA – EXT – DIA**

Binho vende picolé. Meire chega coçando a cabeça. Ele oferece um picolé.

**BINHO**

Meire, chegue aqui, esse é por minha conta.

**MEIRE**

Obrigado, Binho.

Ela entra na escola. Detalhe do portão muda a cena.

**CENA 49 – CLUBE PALMEIRÃO – EXT – DIA**

Uma multidão de pessoas em frente ao clube, uns entrando outros saindo, um camburão da polícia para em frente.

**CENA 50 – ESCOLA FRANCISCA ROSA – EXT – DIA**

Binho arruma os picolés, com a cabeça baixa. Percebe a movimentação na rua. Ele baixa a tampa e corre em direção ao clube.

**BINHO**

Eita! Que eu tô perdendo essa. Ali tem coisa e é das grandes. Essa eu não perco por nada.

**CENA 51 – CLUBE PALMEIRÃO – EXT – DIA**

Binho se junta à multidão de curiosos. Deixa o carrinho de lado, cola seu rosto no portão e não desgruda o olho voltado para dentro do clube.

**BINHO**

Ei, Miguel tem festa aí?

**MIGUEL**

Festa aqui tem não, moço. E num foi o Cícero do Piau? A polícia prendeu ele.

**BINHO**

Cícero do Piau... já sei, é aquele que matou a mulher com o filho na barriga. O bicho é ruim e põe ruim nisso.

**MIGUEL**

Ali não tem dó nem da mãe dele. Um cara que faz isso com a própria mulher. Você imagina se pega um de nós.

**BINHO**

É, mas agora ele vai pra cadeia.

**MIGUEL**

É, se esse povo deixar. O negócio tá é ruim pro lado dele.

**BINHO**

Eu vou entrar pra ver a cara do safado.

**CENA 52 – PORTÃO DE ENTRADA DO CLUBE – INT – DIA**

Policiais impedem a entrada de pessoas fazendo uma barricada na porta. As pessoas em volta com os olhares voltados para dentro do salão.

**POLICIAL**

Calma gente, vamos manter a calma. Saiam daqui. Agora é com a justiça. Vão embora para suas casas.

**CENA 53 – CLUBE PALMEIRÃO – EXT – DIA**

Olhares voltados para dentro do salão curiosos de todas as idades olhando através das frestas das janelas.

**CENA 54 – SALÃO DO CLUBE – INT – DIA**

Cícero do Piau um homem magro alto e com os cabelos longos cobrindo o rosto. Ele anda em volta do salão, pensativo, com a sua cabeça baixa.

**CENA 55 – PORTÃO DE ENTRADA DO CLUBE – EXT – DIA**

Dois policiais fazem barreira na porta. Binho, em frente à porta, observa cada passo dado por Cícero do Piau dentro do salão.

Os policiais controlam a entrada de pessoas. Eles permitem somente a saída das pessoas do local.

Uma senhora para em frente ao clube. Vai até o portão, segura na grade e encosta o rosto, olha para dentro, há lágrimas em seu rosto. Os policiais barram a sua entrada.

**POLÍCIAL**

Minha senhora, o que faz aqui? Porque não vai para casa? Nós já estamos com problemas de mais. A senhora pode até ser esmagada por aqui. Minha senhora esse homem não é Cristo para receber tantas visitas assim.

A senhora ouve atentamente as palavras do policial com a cabeça baixa. Ela ergue sua cabeça e, com os seus olhos cheios de lágrimas, responde emocionada aos policiais.

**SENHORA**

Senhor, eu entendo! Ele pode ser até um monstro, mas esse homem, que está aí dentro, é o meu filho!  
Meu Deus... Eu dei tanto amor e hoje o que vejo? Um assassino, mas ele é meu filho!  
Agora me deixe entrar, por favor.

Os policiais se comovem e trocam olhares. Em seguida, abrem o portão deixando a senhora entrar.

**CENA 56 – CLUBE PALMEIRÃO – INT – DIA**

A multidão olha para aquela senhora andando em direção ao salão do clube. Abrem passagem pra ela passar.

**CURIOSOS (VOZES EM OFF)**

Essa é a mãe dele!  
Coitada, passando por isso!  
É a mãe do preso! Sofrimento...!  
Olhe! Nós que temos filhos passa por cada uma!

Binho vai fazendo companhia para aquela senhora, até a porta e vai avisando para todos que ela é a mãe do preso.

**BINHO**

Deixa ela passar, essa é a mãe dele!  
Ela mora na roça, veio de longe só pra ver o filho. É uma pessoa boa. Agora, o filho...  
Esse não vale nada.

**CENA 57 – CLUBE PALMEIRÃO – INT – DIA**

Dois policiais fazem a segurança na porta do salão. Chega o Binho com a mãe do Cícero do Piau.

**SENHORA**

Ele é meu filho... Deixa eu entrar por favor.  
É só um minuto.

**POLICIAL**

Entra, senhora, mas não demora.

A mãe entra sozinha. Binho fica na entrada do salão.

**CENA 58 – SALÃO DO CLUBE – INT – DIA**

Cícero do Piau está com as mãos algemadas. Ele anda em volta do salão com a cabeça baixa.

A mãe de Cícero aproxima-se dele bastante emocionada.

**SENHORA**

Cícero, meu filho... Cícinho, por que você fez isso? Olha toda essa gente a sua volta.

Cícero ergue a cabeça e olha para sua mãe com um olhar triste.

**CÍCERO**

Mãe... A senhora aqui?

**CENA 59 – CLUBE PALMEIRÃO – INT – DIA**

A multidão, junto à porta do salão, observa o encontro de mãe e filho. Dois policiais impedem a entrada das pessoas.

Binho, à frente, emociona-se ao ver a mãe abraçando o filho. Passa as mãos em seus olhos. A multidão toda se emociona com a cena.

**CENA 60 – SALÃO DO CLUBE – INT – DIA**

Cícero do Piau e sua mãe abraçados. Ela conversa com o filho. Ao fundo, a multidão observa.

**SENHORA**

Oh! Meu filho, por que você fez isso?  
Você agora vai pra cadeia. Meu filho, eu  
estou sofrendo tanto!

**CÍCERO**

Não fique assim, mãe. Eu vou pagar pelos  
meus erros. É o meu destino!

**SENHORA**

Eu vou rezar por você, meu filho! Que Deus

lhe proteja.

A mãe de Cícero desmaia, caindo nos braços dele.

**CÍCERO**

Mãe! Não... Mãe! Mãe...

Os policiais correm para ajudar a mãe de Cícero do Piau. Carregam-na nos braços e saem em direção da porta, aos gritos.

**POLICIAIS**

Saiam da frente, saiam, saiam, saiam... Por favor.

Cícero do Piau anda alguns passos, com a cabeça baixa e cai no chão. Som de sirene de ambulância invade o local.

**CENA 61 – CLUBE PALMEIRÃO – EXT – DIA**

Ambulância sai às pressas com a sirene ligada, a multidão em frente ao clube observa a saída da ambulância.

**CENA 62 – ESCOLA FRANCISCA ROSA/SALA DE AULA – INT – DIA**

Alunos esperam a professora na sala de aula, jogando aviãozinho de papel escrevendo na lousa, cantando e fazendo bagunça. Meire escreve na lousa imitando a professora.

**MEIRE**

Silêncio gente! Assim não vai dar, quem não quer aprender fica em casa. Eu estou certa?

**ALUNOS**

Está sim, Professora...

**CENA 63 – ESCOLA FRANCISCA ROSA/CORREDOR – INT – DIA**

A professora sai da sala dos professores e segue pelo corredor em direção à sala de aula.

**CENA 64 – SALA DE AULA – INT – DIA**

Meire escreve na lousa. A professora chega em silêncio e a observa. Entra sem fazer barulho.

Os demais alunos percebem a presença da professora e voltam para seus lugares, deixando Meire sozinha, escrevendo na lousa.

A professora senta-se em seu lugar, sem que Meire perceba a sua presença, e em

silêncio pede que os alunos fiquem quietos.

Meire continua escrevendo na lousa, percebe o silêncio. Fala sem olhar para trás.

**MEIRE**

Nossa, gente, que silêncio. Vocês estão de

parabéns na minha aula!

A professora quebra o silêncio com aplausos para Meire.

**PROFESSORA**

Quer tomar meu emprego, Meire?  
Sua mãe vai gostar muito de saber disso.

Meire assusta-se ao ouvir a voz da professora e joga o giz para o alto.

**MEIRE**

Desculpe, professora, eu não fiz por mal.  
Eu só tava... Só enquanto... A senhora  
chegava.  
Eu prometo não fazer mais isso. Não fale pra  
minha mãe, professora, por favor.  
Posso ir professora?

**PROFESSORA**

Pode sim, vá para sua cadeira, professora.  
Qual é mesmo o seu nome? Ah, sei,  
professora Meire!

A professora cumprimenta os alunos.

**PROFESSORA**

Boa tarde!

**ALUNOS**

Boa tarde, professora!

**PROFESSORA**

Minha gente, vocês me desculpem pelo meu  
atraso, mas lá fora está uma loucura!  
Prenderam o Cícero do Piau.  
Como pode um ser humano capaz de matar  
a esposa, ainda por cima grávida?  
É fim do mundo mesmo! Só Deus para salvar  
esse povo.  
Bom, vamos falar de coisas boas.  
Alguém aqui já foi no rio São Francisco? Ou  
ouve falar...

Alguns alunos levantam a mão, outros ficam de pé outros permanece  
sentados. Meire olha para a professora e balança a cabeça,

**ALUNO 1**



Eu fui no ano passado, professora.

**ALUNO 2**

Todo domingo eu vou pescar lá

**ALUNO 3**

Eu já fui uma vez!

**ALUNO 4**

Lá é muito bonito.

**MEIRE**

Eu nunca fui, professora. Minha mãe não deixa. Ela fala que lá é muito perigoso, por isso tem medo. As minhas irmãs já foram, elas falam que é lindo.

A professora escreve na lousa alguns cuidados para evitar a poluição dos rios e cita alguns exemplos para os alunos.

**PROFESSORA**

Hoje eu vou mostrar para vocês os cuidados que devemos ter para não poluirmos nossos rios e não destruímos nossas florestas.

**CENA 65 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Seu Zé, no balcão, atende uma cliente entregando-lhe uma sacola com pães.

**DONA MÁSER**

Obrigada, seu Zé.

**SEU ZÉ**

Obrigado você, dona Máser.

**CENA 66 – RUA – EXT – DIA**

Binho para o carrinho de picolé em frente à mercearia e cumprimenta Dona Máser que está de saída.

**BINHO**

Dona Máser, como vai a família?

**DONA MÁSER**

Tudo bem! Graças a Deus, e você como vai?

**BINHO**

Bem, obrigado.

**CENA 67 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Binho entra na mercearia, vai até o balcão encosta-se no balcão e pede uma dose de pinga.

**BINHO**

Seu Zé, coloca aqui uma dose, um copo cheio, que hoje a bagaceira foi feia no Clube Palmeirão. Prenderam o Cícero do Piau.

Tinha era muita gente lá. Teve até ambulância. Mãe e filho desmaiaram e foi aquele corre-corre, depois foi tudo levado pra o hospital.

Seu Zé pega o litro de pinga e serve a dose, enquanto escuta atentamente, encostado no balcão.

**SEU ZÉ**

É uma pobre mãe, agora vai sofrer porque filho é filho. Por mais que seja, não deixa de ser filho.

**CENA 68 – RUA – EXT – DIA**

Detalhe no carrinho de vender picolé. Afonso chega, abre a tampa e tira um picolé. Vai ao encontro de Binho, dando mordidas no picolé.

**CENA 69 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Binho toma a dose de uma vez só. Em seguida, faz cara feia. Afonso vem chegando.

**AFONSO**

Posso saber o que aconteceu com o amigo? Tomando um copo cheio a essa hora do dia. Deixe um pouco pra mim, meu camarada. Ei, seu Zé, escute essa, hoje o bicho pegou no clube.

**BINHO**

Ei, Fonso, se for o caso do Palmeirão, chegou tarde. Seu Zé já sabe. Acabei de contar. Conte outra, porque essa ele quase chorou.

**AFONSO**

Oh, Binho, você também não deixa passar nada.

**CENA 70 – ESCOLA FRANCISCA ROSA – INT – DIA**

O toque da campainha anuncia o fim das aulas e os alunos saem correndo da escola.

**CENA 71 – SALA DE AULA – INT – DIA**

Meire é a última a sair da sala e, bem desconfiada com os cadernos nas mãos, abre a porta lentamente. Ela olha para a professora que está sentada observando todos os seus movimentos.

**PROFESSORA**

Meire... Meire espere um instante, por favor.

**MEIRE**

Sim, professora.

A professora lhe entrega um envelope fechado.

**PROFESSORA**

Entregue isso para sua mãe.

**MEIRE**

Para minha mãe?

**PROFESSORA**

Sim para sua mãe, por favor.

**MEIRE**

Mais eu... Eu... Num... Já... Tudo bem, eu entrego sim.

**PROFESSORA**

Obrigada, pode ir agora.

**MEIRE**

De nada, professora. Até a manha.

**PROFESSORA**

Vá com Deus, Meire.

**CENA 72 – ESCOLA FRANCISCA ROSA – INT – DIA**

Meire sai triste com a cabeça baixa, passando a sua mão na parede do corredor da escola. Para diante do portão principal. O guarda ( Miguel ) espera, olhando para o relógio. Meire passa pelo guarda com sua cabeça baixa e muito triste.

**MIGUEL ( GUARDA )**

Eita,que essa tomou uma bordoada! E das grandes... Hoje o seu Zé gago pega essa.

**CENA 73 – CASA DE DONA MARIA – COZINHA – INT – DIA**

Dona Maria colocando tempero em uma panela no fogo, ao mesmo tempo

em que olha o relógio e observa a rua pela janela, aguardando a chegada de Meire. Detalhe do relógio marcando 6 horas da tarde.

#### **CENA 74 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – NOITE**

A frente da mercearia São José. Ao fundo, encostado no Balcão, estão Binho e Afonso. Pebinha está sentado com as pernas cruzadas, com um copo vazio em sua mão. Seu Zé atendendo no balcão. Meire entra na Mercearia.

#### **CENA 75 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – NOITE**

Seu Zé serve uma dose de pinga no copo de Binho e de Afonso. Pebinha levanta da cadeira, coloca algumas moedas sobre o balcão.

##### **PEBINHA**

Capitão... Capitão... Encha o copo. Cobre também a dose dos meninos.

##### **AFONSO**

Valeu, Pebinha.

Meire se aproxima do pai, beija-o e fala com o pessoal que está ali. Ela tem um olhar triste.

##### **SEU ZÉ**

Filha vem me dar um beijo. Oh, parece que estava chorando?

##### **MEIRE**

Eu? Não pai. Mãe tá em casa?

##### **SEU ZÉ**

Tá, sim, e preocupada com você! Você sabe como é sua mãe. E essa carta na sua mão?

##### **MEIRE**

Foi a professora que mandou pra mãe!

#### **CENA 76 – COZINHA – INT – NOITE**

Dona Maria lavando os pratos na pia. Meire entra na cozinha, coloca os cadernos sobre a mesa, abraça a mãe por trás, beijando seu cabelo, toda carinhosa.

##### **MEIRE**

Bênção, mãe.

Detalhe em cima da mesa mostra os cadernos e o envelope. Meire continua fazendo carinho na mãe, que continua a lavar os pratos.

**DONA MARIA**

Deus te abençoe, minha filha. Porque chegou tão tarde? O que aconteceu com você?

**MEIRE**

Nada, mãe! Eu fui na casa de uma amiga.

**DONA MARIA**

Amiga? Sei...

**MEIRE**

É, mãe, amiga.

**DONA MARIA**

Sei... Eu estou achando você um pouco triste.

**MEIRE**

É que eu estudei muito hoje. A professora mandou uma carta pra senhora.

**DONA MARIA**

Ah, eu estou com as mãos molhadas. Deixe em cima da mesa que depois eu leio.

Meire pega o envelope em cima da mesa, olha o seu conteúdo através do reflexo da luz, coloca de volta na mesa.

**MEIRE (Sussurrando)**

Hummm. Quando mãe abrir esse envelope, não quero nem estar por perto. Ai, meu Deus do céu, vou levar uma surra.

Dona Maria para de lavar os pratos. Vai até a mesa, puxa uma cadeira e se senta. Pega a carta e vai girando em suas mãos, enquanto conversa com a filha.

**DONA MARIA**

Está falando sozinha? Parece que eu ouvi alguma coisa?

**MEIRE**

Eu? Eu não falei nada. Só tava pensando na aula.

**DONA MARIA**

Filha, olha que eu te conheço... E eu posso saber que aula tão importante foi essa?

**MEIRE**

A professora falou sobre a poluição dos rios. Ela explicou o que devemos fazer para evitar o desmatamento das florestas. Mãe, ela falou que a água do rio São Francisco é tão limpa que dá pra beber e que o rio fica bem perto da gente. E também falou que se o governo gastasse o dinheiro que vem para o nordeste corretamente, não tinha tanta pobreza. A senhora lembra quando foram plantar palmas nas terras de Lula? O povo parecia bicho, comia tudo o que via pela frente.

As duas riem ao lembrar do passado. Dona Maria gira a carta em suas mãos (Detalhe no envelope muda a cena para um flashback).

**CENA 77 – TERRAS DE LULA CABELEIRA – EXT – DIA**

Tratores derrubam a mata. Em volta dos tratores há homens armados de espingardas, foices, facão, pedaços de pau, na companhia de cães de caça, todos em busca de alimentos.

Afonso entrega a seu filho um preá. O cão fica inquieto dando voltas entre os dois. O filho ergue o preá para o alto e ri com o tamanho do animal.

Astrogildo é um menino de 12 anos, magro, pele clara, usa óculos fundo de garrafa, esperto.

**AFONSO**

Toma filho guarda pra nós.

**ASTROGILDO**

Esse é das grandes.

**AFONSO**

E bota grande nisso! O bernal já tá quase cheio.

Miguel, vestido de caçador e com uma cara de flagelado coloca um preá na mira de sua espingarda. Ao fundo, um trator derruba a mata.

**MIGUEL**

Isso, fica na minha mira, hoje você vai pra panela.

O cachorro de Afonso, disputa aquele preá com o Miguel. Fica camuflado

entre o capim seco. Miguel percebe que o cachorro se aproxima de sua caça.

**MIGUEL**

Cachorro desgraçado, vai levar chumbo!

Detalhe no dedo apertando o gatilho. O cachorro na mira da espingarda. Afonso se aproxima de Miguel e derruba-o no chão. O tiro sai pro alto. Afonso por cima de Miguel dá socos na cara dele.

**AFONSO**

Você tá doido, seu filho de uma puta? Quase matou meu cachorro bom de caça. Você quer um preá? Toma esse na sua cara! Vou quebrar a sua espingarda, seu safado!

Binho puxa Afonso de cima de Miguel, separando a briga. Uma multidão de curiosos aproxima-se do local.

**BINHO**

Larga esse homem, Fonso! Pare! Isso não resolve nada. Vamos embora, que o dia só tá começado.

Afonso, em pé, pega na mão de Binho. Olha para o Miguel ainda caído e estende-lhe a mão, ajuda o Miguel a se levantar. Olha para a multidão à sua volta.

**AFONSO**

Pra que arma, se a gente pega os bichos, na carreira, a pauladas, com pedras e com nossos cães? A gente não está em guerra! Estamos, sim, na guerra contra a fome. Todos estamos em busca do mesmo objetivo: matar a nossa fome. Agora, arma representa um perigo pra nós mesmos.

Afonso mostra para a multidão o cachorro com o preá em suas presas. O cachorro vai até Afonso e larga o roedor aos seus pés.

**AFONSO**

Olha lá, meu cachorrinho com o bicho na boca. Tá vendo que não precisa usar uma arma. Vamos manter a calma. Nós somos homens dotado de inteligência. Agora, vão e não esqueçam: sem armas.

Afonso pega o preá e entrega pra o Miguel.

**AFONSO**

Pegue. Esse preá é seu.

A multidão concorda com Afonso. Segue o trabalho dos tratores derrubando a mata. Binho coloca o braço sobre os ombros de Afonso e faz elogios para o parceiro.

**BINHO**

Eita, qui Fonso, parecia mais um capitão do exército! Colocou a ordem nesse povo todo, eu tô besta...

**AFONSO**

Às vezes um grito derruba uma boiada. Olha, Binho, você tá ouvindo meu cachorrinho latir?

**BINHO**

E pelo latido, deve ser um dos grandes, Fonso.

Afonso e Binho entram na mata à procura do cachorro. Encontram-no dando voltas em torno de uma cobra jiboia de porte grande.

**BINHO**

Olha, Fonso, o tamanho dessa.

**AFONSO**

Não deixa ela fugir, Binho. Essa é das grandes... Não deixa fugir!

Binho e Afonso com pedaços de pau, acuam a jiboia. O cachorro late. Afonso corre pra um lado, Binho para outro. A cobra acuada entre eles.

**AFONSO**

Vai, Binho. Isso é caça rara por aqui. Vai!

**BINHO**

Cuidado, ela tá fugindo.

Latidos de cães entre as macambiras. Dois homens, um com uma foice, o outro com um facão, cutucam as plantas. Sai um teiú que é acuado por dois cães. O lagarto é capturado pelos homens e exibido como um troféu. O trator passa. No meio da poeira, uma senhora usando roupas velhas com três filhos, sendo um de colo, nos braços, um de sete anos, outro de oito, um de cada lado agarrado ao seu vestido.

Afonso e Binho tiram o couro da cobra. Ao lado, o cachorro não desgruda os olhos da caça.



A senhora com as três crianças aproxima-se deles e observa-os.

**SENHORA**

Vocês pegaram essa cobra?

**AFONSO**

Minha senhora, a gente só não pega urubu porque está no ar.

**SENHORA**

E isso come?

**AFONSO**

É só tirar um palmo do rabo, outro da cabeça, que o resto a gente come tudo. Isso aqui é uma delícia. Tem o sabor de galinha com peixe. A senhora não se preocupe, o seu almoço está garantido. É só esperar e manter a calma. Isso na panela, o cheiro vai longe. Sem contar com as pingas, que vamos tomar no bar do veio gago e vai ser hoje não é Binho?

Astrogildo vai até Afonso com uma espécie de rato em suas mãos. O rabo do bicho é tão grande que dá uma volta em seu braço.

**ASTROGILDO**

Pai, pai, esse bicho se come? Tá parecendo preá, mais ele tem rabo grande.

Afonso se levanta ao ouvir a voz do filho. Esboça um sorriso. Pega o bicho das mãos do filho, entrega para aquela senhora, que o coloca em uma bolsa de palha que carrega consigo.

**AFONSO**

Oh, meu filho Astrogildo, tudo aqui se come! Agora mesmo vá avisando a todo esse povo aqui, que esses que têm rabo se come e que o nome é punaré. Não esqueça: o nome é Punaré.

Astrogildo, na companhia do cachorro, corre na direção dos outros que estão em volta dos tratores derrubando a mata.

**ASTROGILDO**

Ei, meu pai falou que preá que tem rabo se come. E o nome é Punaré.

### **CENA 78 – COZINHA – INT – NOITE**

Detalhe na carta girando nas mãos de Dona Maria. Meire e sua mãe riem muito.

#### **MEIRE**

Não, mãe, como uma pessoa, com o seu juízo perfeito, chega em um bar, pede um litro de pinga e manda preparar uma cobra jiboia? Eu levei foi um susto quando eu vi Afonso puxando uma cobra de dentro da bolsa. Sem falar da bicharada que tinha naquela bolsa.

Tinha até rato. Rato não, como era mesmo o nome?

#### **DONA MARIA**

Punaré! É esse nome. Punaré. Parecia mais um rato. Meu Deus, será que comeram ratos?

#### **MEIRE**

Não só ratos, mas tatu peba, cobra, calango e cassaco. Tudo quanto era bicho, eles comeram.

### **CENA 79 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – NOITE**

Binho, Afonso e Pebinha saem da mercearia. Seu Zé apaga a luz a fecha porta.

### **CENA 80 – QUARTO DA MEIRE – INT – NOITE**

Meire deitada na cama vai fechando os olhos lentamente.

### **CENA 81 – QUARTO DE DONA MARIA – INT – NOITE**

Dona Maria acende uma vela na mesa que usa para fazer orações. Detalhe na chama.

### **CENA 82 – QUARTO DA MEIRE – INT – NOITE**

Meire sonha enquanto dorme. Fica inquieta, rolando de um lado a outro na cama.

### **CENA 83 – RIO SÃO FRANCISCO – EXT – DIA**

Meire está em cima de um morro de pedras, usando um vestido branco. Muito sorridente, ela admira as águas do rio São Francisco.

#### **MEIRE**

Nossa, que lindo! O reflexo do sol na água

parecem diamantes.

Meire anda na areia com os pés descalços. Abre os braços e fecha os olhos, respira fundo e sente o ar puro. Ela coloca os pés na água e entra vagarosamente no rio. Mergulha na água e nada pra o fundo. Câmera em vários ângulos mostra Meira na água, flutuando, mergulhando, sempre sorridente, o rosto fora da água. Detalhe no rosto dela muda a cena.

#### **CENA 84 – QUARTO DA MEIRE – INT – NOITE**

Meire acorda assustada, mas logo esboça um sorriso e continua deitada.

#### **CENA 85 – QUINTAL – EXT – MANHÃ**

O galo canta, as galinhas ciscam o terreiro, o cachorro está acorrentado na árvore.

#### **CENA 86 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – MANHÃ**

Dona Maria varre a calçada em frente à mercearia. Ela cumprimenta os clientes que entram e os que saem da mercearia com sacolas de pães nas mãos. Ouve-se um apito ao longe.

#### **CENA 87 – SORVETERIA ESPERANÇA – EXT – DIA**

Carrinhos de vender picolé estão parados em frente à sorveteria. O apito continua.

#### **CENA 88 – SORVETERIA ESPERANÇA – INT – DIA**

Detalhe no radiogravador em cima do balcão. Ronalvo coloca picolés numa caixa de isopor. Binho liga o radiogravador. Ouve-se uma música com muito chiado. Binho acerta a sintonia.

#### **BINHO**

Esse é bom. Vai levar esse bichinho pra o rio da lagoinha Ronalvo?

#### **RONALVO**

Pra onde eu for, eu levo ele comigo!

#### **BINHO**

Mas essa fábrica não para de apitar hoje. Meu ouvido já não aguenta mais tanto apito.

#### **CENA 89 – BAIRRO PEDRA VELHA – EXT – DIA**

Pessoas saem à rua e observam algo no céu. Algumas correm em direção à fábrica. O apito da fábrica não para de tocar.

#### **CENA 90 – BAIRRO NOVO – EXT – DIA**

Pessoas saem à rua.

#### **CENA 91 – SORVETERIA ESPERANÇA – INT – DIA**

**LOCUTOR DE RÁDIO (Interrompe a música)**

Atenção para esta notícia! A fábrica está em chamas e está precisando urgente de voluntários que queiram ajudar, nesse momento de grande precisão, a todos vocês fica minha gratidão e cidadania.

Ronalvo com uma caixa de isopor nas mãos, larga de lado para ouvir a notícia pelo radio.

**RONALVO**

Olha que a coisa é séria. Sem essa fábrica o bicho pega.

**BINHO**

E como pega... Ronalvo esse fogo tem que apagar e logo.

**CENA 92 – SORVETERIA ESPERANÇA – EXT – DIA**

Binho sai da sorveteria, com a caixa de isopor nas mãos, coloca no carrinho de vender picolé.

**CENA 93 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – MANHÃ**

Um caminhão-tanque passa em alta velocidade, quase atropela Dona Maria.

**DONA MARIA**

Ave Maria, mais um pouco me atropelava!  
Pensa que tá em uma pista de corrida!

Dona Maria olha no sentido que foi o caminhão e vê uma coluna de fumaça no céu. Ela larga a vassoura e corre para a mercearia.

**CENA 94 – FÁBRICA DA PEDRA – EXT – DIA**

O guarda abre o portão de entrada principal e o caminhão-tanque entra. A fumaça cobre o depósito de algodão. O apito da fábrica toca para chamar os operários. Uma multidão se aglomera em frente à fábrica, em busca de informações de parentes. Há ambulâncias estacionadas em frente, enquanto outras saem de dentro com a sirene ligada.

**CENA 95 – RUA – EXT – DIA**

Outro caminhão-tanque passa em direção à fábrica. Pessoas nas calçadas observam.

**CENA 96 – CAIXA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA – EXT – DIA**

Caminhões-tanque, na fila para abastecer seus reservatórios de água. Em cima do primeiro caminhão da fila, dois homens puxam a mangueira de abastecimento de água.

**HOMEM 1**

Pronto, liberado! Vamos lá, o próximo.

**CENA 97 – FÁBRICA DA PEDRA – INT – DIA**

Homens com baldes nas mãos jogando água contra o fogo no galpão, outros segurando a mangueira do caminhão-tanque.

**CENA 98 – FÁBRICA DA PEDRA – EXT – DIA**

Binho para em frente à fábrica, juntando-se à multidão. Todos olham para a fumaça que cobre o local.

**CENA 99 – FÁBRICA DA PEDRA – INT – DIA**

Homens seguram a mangueira do caminhão-tanque, jogam água no fogo. O fogo é controlado. O tempo muda e caem alguns pingos de chuva.

**HOMEM 1**

Conseguimos.

**HOMEM 2**

Deus nos ajudou. Essa foi por pouco.

**HOMEM 3**

É, mas agora já foi, amigos. Graças a Deus, nós conseguimos.

**HOMEM 4**

Olha como Deus é bom, ainda manda chuva... É como minha mãe diz, Deus tá sempre do nosso lado.

**CENA 100 – FÁBRICA DA PEDRA – EXT – DIA**

Nuvens carregadas. Cai um temporal com muitos relâmpagos e trovões e a multidão vai saindo aos poucos.

**CENA 101 – QUARTO DE BINHO – INT – NOITE**

Binho chega com sua roupa toda molhada. Vai até o fogão, acende o fogo, depois liga a TV (preto e branco) e se deita na cama. A luz da TV reflete em seu rosto.

**CENA 102 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – NOITE**

A chuva cai sem parar. Som de cachorros latindo. Dois homens embriagados param em frente, vão para a calçada e se abrigam da chuva.

**AFONSO**

Vamos tomar uma no bar do velho gago.

## **PEBINHA**

Mas tá fechado.

### **CENA 103 – QUARTO DE DONA MARIA – INT – NOITE**

Dona Maria acende uma vela em seu quarto de fazer orações. Detalhe na chama muda a cena.

### **CENA 104 – QUARTO DE BINHO – INT – NOITE**

Binho deitado na cama. O reflexo da televisão ligada em seu rosto. Ele se mexe de um lado a outro, sonhando. A TV exibe um filme com Bruce Lee. Uma fumaça invade o quarto. Uma panela de pressão no fogão, sem a tampa. O feijão queima, espalha fumaça por todo o quarto. Binho dorme, mexe de um lado a outro da cama, entra em transe com o cheiro da fumaça.

### **CENA 105 – RIO SÃO FRANCISCO – EXT – DIA**

Binho está em pé sobre uma enorme pedra. Mergulha no rio. Ao voltar à superfície, falta-lhe força, quase se afoga.

### **CENA 106 – QUARTO DE BINHO – INT – NOITE**

Binho acorda assustado. O quarto está cheio de fumaça. Ele vai até o fogão, apaga o fogo, tira a camisa do corpo, abre a porta e abana a fumaça para fora do quarto.

## **BINHO**

Meu Deus quase morri, essa foi por pouco.  
Não sei qual é o pior morrer, afogado ou asfixiado.

### **CENA 107 – FÁBRICA DA PEDRA – EXT – MANHÃ**

O apito da fábrica toca. Chega o primeiro turno de funcionários. O guarda corre para abrir o portão principal.

### **CENA 108 – FÁBRICA DA PEDRA – INT – MANHÃ**

Operários circulam pelos corredores, transportando tecidos em carrinhos, ligam as máquinas, cada um em seu posto de trabalho.

### **CENA 109 – POSTO DE GASOLINA – INT – MANHÃ**

O frentista abastece uma caminhonete. O motorista paga. O motorista sai com a caminhonete com destino à cidade de Água Branca.

### **CENA 110 – CAMINHONETE – EXT – MANHÃ**

O carro em movimento no asfalto. Iniciando nas rodas, a imagem vai subindo até chegar nos passageiros na carroceria.

### **CENA 111 – CAMINHONETE – INT – MANHÃ**

Binho sentado com os passageiros na carroceria da caminhonete. Os passageiros conversam durante a viagem. Binho mantém-se em silêncio.

### **PASSAGEIRO 1**

Agora tem gente que vai pra São Paulo! Uma cidade daquele tamanho, se o cara não tiver estudo, vai sofrer. Vai morar em uma favela. Se a pessoa pensar direitinho, aqui é aquele sofrimento, mas de fome ainda não vi ninguém morrer.

### **CENA 112 – CAMINHONETE – EXT – DIA**

A caminhonete vai se distanciando da câmara, no bagageiro da carroceria o carrinho de vender picolé da sorveteria esperança, junto com outras bagagens.

### **CENA 113 – MARIA BODE – EXT – DIA**

Cruzamento em Maria Bode. Passa um caminhão com uma carga de bois vivos, vindo de outra cidade. O motorista da caminhonete para no cruzamento. A caminhonete continua parada dando o direito de passagem para outros carros entrarem na cidade. A caminhonete dá partida, mas surge uma Rural com passageiros. Ambos freiam bruscamente, evitando um acidente. O motorista da caminhonete reclama, o outro motorista xinga e faz gesto obscuro com o dedo.

### **MOTORISTA DA CAMINHONETE**

Ei, você ta louco? Que matar agente?

### **MOTORISTA DA RURAL**

Ah, vai se danar, olha pra frente você!

### **CENA 114 – CIDADE DE ÁGUA BRANCA – EXT – DIA**

Detalhe no relógio da torre da igreja, os sinos tocam, uma vista aérea da feira livre. Bares com mesas nas calçadas, os clientes bebendo, gente passando em frente ao bar. Homens montados em cavalos param em frente o bar. Quarteirão de casas antigas, com suas fachadas do século passado, antigas residências dos barões de Água Branca.

### **CENA 115 – CAMINHONETE – EXT – DIA**

A caminhonete para no ponto de desembarque. Os passageiros descem. O motorista recebe o valor da passagem.

### **CENA 116 – IGREJA – EXT – DIA**

Binho deixa o carrinho de picolé em frente à igreja e entra.

### **CENA 117 – IGREJA – INT – DIA**

Binho vai até o altar, ajoelha-se, benze-se. Deposita algumas moedas no cofre de doações da igreja.

### **CENA 118 – FEIRA LIVRE – EXT – DIA**

Binho passa entre os feirantes com o carrinho, vendendo picolé. Os feirantes gritam, oferecendo produtos de todas as espécies.

**CENA 119 – QUARTO DE MEIRE – INT – NOITE**

Meire, em frente ao espelho, passa batom ansiosamente em seus lábios.

**CENA 120 – IGREJA NOVA – EXT – NOITE**

Na praça em frente à igreja, pessoas circulam, crianças correm, outros entram na igreja. Há um vender de pipocas. Os sinos da igreja tocam.

**CENA 121 – IGREJA NOVA – INT – NOITE**

Detalhe nos retratos de santos nas paredes. O padre no altar prepara a missa.

**CENA 122 – RUA – EXT – NOITE**

Binho com o seu carrinho de vender picolé em frente à igreja. Vista das pessoas circulando pela praça.

**CENA 123 – IGREJA – INT – NOITE**

O padre no altar inicia a missa e todos ficam de pé.

**PADRE**

Meus queridos irmãos e irmãs, graça, paz e bem da parte do senhor que caminha conosco e está presente nas relações que estabelecemos com o nosso próximo. Poderíamos nos questionar: “quem é o nosso próximo?” Na verdade, nosso próximo é todo homem e toda mulher que altera a nossa história. Portanto, como cristão, somos chamados a defender a vida em todas as suas dimensões.

**CENA 124 – QUARTO DE BINHO – EXT – NOITE**

Binho abre a porta. Detalhe no retrato do Santo Padre Cícero, na parede, muda a cena, fazendo o paralelo com a cena seguinte.

**CENA 125 – PRAÇA PADRE CÍCERO – EXT – NOITE**

Detalhe de retrato do Santo Padre Cícero do Juazeiro em uma banca de artigos religiosos. Dona Maria pega o retrato na banca e procura o vendedor para lhe pagar pelo retrato.

**DONA MARIA**

Ei! Senhor, quanto custa esse quadro?  
Senhor, esse quadro quanto custa?

Binho, distraído com a cabeça baixa, ouve a voz de Dona Maria, ergue a cabeça e vai atendê-la.

**BINHO**



Senhor não! Só Binho mesmo.

**DONA MARIA**

Menino, você também tá em todas.

**BINHO**

É a sobrevivência, Dona Maria, aqui a gente vende de tudo.

Uma apresentação de uma banda de pífanos e dança de maracatu atrai uma multidão na praça. Meire, toda feliz entre a multidão, aplaude. Um vendedor de maçãs do amor arruma as maçãs em cima da banca. Meire vai até a banca.

**MEIRE**

Eu quero uma maçã.

**SENHOR**

A moça pode escolher.

**MEIRE**

Eu vou pegar essa. Obrigada, senhor.

**SENHOR**

De nada moça, volte sempre.

**CENA 126 – BILHETERIA DA RODA GIGANTE – EXT – NOITE**

Meire na fila para comprar o bilhete.

**CENA 127 – RODA GIGANTE – EXT – NOITE**

Meire senta na cadeira da roda gigante. Morde a maçã do amor. Meire tem uma bela vista da cidade. As luzes, a torre da igreja. Fundo musical “A Raposa e as Uvas”, de Reginaldo Rossi.

**CENA 128 – PRAÇA PADRE CÍCERO – EXT– NOITE**

Binho na banca de santos e outros artigos religiosos, faz rimas dos produtos que vende.

**BINHO**

Leve pra casa uma lembrança do Santo Padre Cícero.

Aproveitem, que tem santo de toda espécie, do mais religioso ao mais milagroso.

Tem santo de pé de altar.

Santo que faz casar.

Tem santo que faz chover.

E santo que faz dívida desaparecer.

**CENA 129 – BARRACA DE TIRO AO ALVO – INT – NOITE**

Afonso segura uma espingarda, mira nos patinhos. Quando vai puxar o gatilho, é surpreendido pelo filho puxando sua camisa.

**ASTROGILDO**

Pai, pai ei, minha vez.

**AFONSO**

Oh, meu caçador... Que atirar? Toma, meu filho, dê o primeiro tiro, derruba esses patinhos.

Astrogildo segura a espingarda, mira nos patinhos, dá um tiro certeiro.

**AFONSO**

Oh, menino danado, bom de mira.

Afonso abraça o filho.

**CENA 130 – PRAÇA PADRE CICERO – EXT – NOITE**

Fogos de artifício prontos para serem queimados. Detalhe na mão do homem acendendo os fogos. O céu iluminado com o clarão dos fogos.

**CENA 131 – BARRACA DA VIRGEM – EXT – NOITE**

Detalhe na fachada da barraca. Mesas ocupadas por clientes bebendo. O forró toca alto.

**CENA 132 – BARRACA DA VIRGEM – INT – NOITE**

O sanfoneiro toca e os casais dançam. Detalhe no passo da dança dos casais. Ronalvo dança com Maria, Binho dança com Rosinha, Afonso dança com Ritinha, seu Zé com Dona Maria. Um senhor pega uma senhora e sai dando voltas pelo salão.

Meire está sentada à mesa, tomando refrigerante, mexendo o corpo, curtindo o som do forró. Um senhor a convida para uma dança

**SENHOR**

A moça me concede uma dança?

**MEIRE**

Eu? Não... Nem pensar.

O senhor vai embora.

**MEIRE**

Mas é cada uma, dançar com um velho desse, sai fora. Nessa barraca tem de tudo, era só o que me faltava.

O sanfoneiro toca. A turma dança fazendo a festa, muitos sorrisos, detalhe

na sanfona muda a cena.

### **CENA 133 – RIO SÃO FRANCISCO – EXT – MANHÃ**

O reflexo do sol nascendo brilha sobre as águas do São Francisco. Na beira do rio, somente o som das pequenas ondas batendo nas pedras. A calmaria é interrompida por pessoas correndo na areia em direção ao rio. Binho, Ronalvo e Afonso, tiram suas roupas, ficam somente de cuecas, entram no rio com sede de tomar banho e curar a ressaca da noite anterior.

#### **RONALVO**

Vem, Maria, a água tá quentinha.

#### **BINHO**

Chega, Rosinha vem pra água. Se tu vê como tá boa, tá quentinha.

#### **AFONSO**

Vem, Ritinha... Meu amor, entra na água.

Ritinha pega o litro de pinga, vira na boca tomando uma dose de pinga no gargalo da garrafa. Rosinha corre para o rio se jogando na água com sede de banho.

Detalhe no gravador de Ronalvo, em cima de uma pedra. Maria vai até o gravador, coloca uma fita cassete e sai cantando e dançando, em direção ao rio. Música de Dominginhos.

#### **MARIA**

Que falta que faz um bem.  
Que falta que me faz um xodó.  
Eu só quero um amor

que acabe o meu sofrer.  
um xodó pra mim do meu  
jeito assim que acabe  
o meu sofrer.

Ronalvo, dentro do rio jogando água para cima, chama Maria.

#### **RONALVO**

Vem, Maria, vem, meu xodó, vem pros meus braços chamegar... Vem Maria.

Maria corre pra dentro do rio, se joga nos braços de Ronalvo e o beija.

Binho, em cima de uma grande pedra, mergulha no rio gritando de felicidade. Binho nada por baixo d'água e puxa Rosinha pelas pernas. Rosinha grita de susto. Ao retornar à

superfície, bate no rosto de Binho, depois o beija, rindo muito.

Afonso sai de dentro do rio, segurando a mão de Ritinha. Detalhe no litro de pinga, em cima de uma pedra.

Detalhe no gravador em cima de uma pedra. Muda a cena ao som de Dominginhos.

### **CENA 134 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Pessoas entram e saem da mercearia. Mesas espalhadas na calçada, gente bebendo, jogando sinuca, crianças correm em frente.

### **CENA 135 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Meire serve no balcão. Seu Zé sai com uma cerveja nas mãos, leva para uma mesa. Binho chega de mãos dadas com Rosinha. Afonso, Ritinha, Ronalvo e Maria, já estão sentados em uma mesa.

#### **BINHO**

Meire, meu amor, me dê uma cerveja.

#### **MEIRE**

Só se for agora.

#### **ROSINHA**

Meire, uma dose de pinga pra mim.

### **CENA 136 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Zé coloca a cerveja nos copos de Maria e Ritinha. Ronalvo e Afonso jogam sinuca. Detalhe em cada derrubada de bola.

#### **AFONSO**

Tem gente que joga com o taco, eu jogo com a cabeça.

#### **RONALVO**

É por isso que a sua cabeça é chata!

#### **AFONSO**

Chata não... Você quer dizer inteligente. Por exemplo, você tá vendo aquela bola ali? Eu jogo na cara dela, ela bate na outra e vai, vai caindo naquele cantinho bem ali.

Detalhe na última bola que sobrou. Ronalvo entrega o jogo deixando o taco em cima da mesa de sinuca.

#### **AFONSO**

Ronalvo, meu amigo.  
Na pescaria, já fui pescador.  
Na cirurgia, fui doutor.

Na rua, um bom namorador.  
Agora pague a cerveja,  
que na sinuca, foi eu o ganhador.

Ronalvo pega um copo cheio de cachaça, bebe de uma vez só, ouvindo os comentários do amigo.

Chega o casal de pescadores, Galega e Murilo. Ela exhibe uma sacola de peixes e oferece para Ronalvo.

**GALEGA**

Me compre uns peixinhos, tá fresquinho.

**RONALVO**

Quero não, obrigado.

### **CENA 137 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Meire atendendo no balcão. Murilo encosta no balcão e conversa com Meire. Ao fundo, Galega se aproxima.

**MURILO**

Boa tarde, Meire.

**MEIRE**

Boa tarde, Murilo. Tem pescado muitos peixes?

**MURILO**

Bastante! O que falta é comprador.

Binho e Rosinha saem com uma cerveja nas mãos. Vão para mesa junto a Ronalvo. Galega vai até o balcão, coloca a sacola com os peixes em cima, põe o seu braço sobre o ombro do marido.

**GALEGA**

Meire, coloca uma cachaça pra nós. E compre esses peixinhos pra me ajudar. Pesquei hoje, tá tudo fresquinho.

**MEIRE**

Esses peixes são do açude. Lá tá poluído.

**GALEGA**

Tudo conversa desse povo, eu pesquei no rio. Se a polícia pegar um pescando no açude, leva preso na hora.

### **CENA 138 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Um camburão com dois policiais para em frente da mercearia São José.

Binho olha para o camburão e tira conclusões exageradas.

**BINHO**

Nossa, quem será que vai dar um passeio de táxi especial?

**MEIRE**

Gente, deixe de besteira, eles vão tomar uma dosinha. Eita, povinho maldoso, não pode ver um camburão que acha que vai levar um.

Delegado Marcolino, um homem negro, forte de uns 60 anos, desce do camburão, vai até Meire e a cumprimenta com um beijo no rosto. Detalhar o revolver na cintura e a mão dele por cima.

**DELEGADO MARCOLINO**

Oi, Meire, tudo bom?

**MEIRE**

Tudo bem!

**DELEGADO MARCOLINO**

E seu pai está?

**MEIRE**

Está sim! Pode ir entrando, pai tá lá dentro.

### **CENA 139 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Seu Zé no balcão servindo o Murilo e a Galega.

**GALEGA**

Coloque mais uma aqui.

**MURILO**

Duas eu também vou tomar outra.

Delegado Marcolino se aproxima do balcão. Galega toma sua frente.

**GALEGA**

Ei, Doutor, pague um litro pra nós?

Seu Zé olha para Galega balançando a cabeça e chama a atenção dela.

**SEU ZÉ**

Deixe o homem entrar, pelo amor de Deus. Vocês não têm jeito mesmo. Respeitem pelo menos a autoridade.

O delegado Marcolino cumprimenta seu Zé com um aperto de mão e faz um sinal de positivo pra Galega.

**DELEGADO MARCOLINO**

Calma, seu Zé. Esse povo é assim mesmo. É só o que eu vejo, gente pedindo. Coloque, seu Zé, coloque um litro de pinga. Esses, pelo menos estão pedindo, porque tem cada ladrãozinho pé de chinelo, que você não acredita. Prendi hoje um menino de 18 anos. Roubou a própria vó, não deixou nada na casa. O que foi de eletrodoméstico, ele furtou e o dinheiro já deixou nas mãos dos traficantes. São as drogas acabando com nossas crianças. Primeiro, roubam em casa, depois já são ladrões feitos. Um perigo para sociedade.

Seu Zé põe o litro de pinga no balcão.

**GALEGA**

Obrigada, doutor.

**MURILO**

Ói, doutor, eu não quero ser puxa saco não, mas depois que o senhor veio para essa cidade as coisas aqui melhorou foi muito. Agora, tem uns menino que coloca um cigarro de maconha na boca e se acha o tal. Lá mesmo, quando agente tá pescando no açude, chega é muitos filhinhos de papai tudo fumando maconha.

Detalhar Galega dando cutucadas no Murilo ao falar no açude.

**DELEGADO MARCOLINO**

Eu ouvi mal? Ou você falou em açude? Não me diga que vocês tão pescando lá.

**GALEGA**

Não, doutor, isso é coisa de Murilo. Quando ele bebe fala muito. Desde daquela vez quando agente foi preso, nunca mais pisei o pé lá. Num foi, Murilo?

**MURILO**

Foi mesmo doutor, faz é tempo. Lá não tem mais peixe, morreu tudo com aquela poluição.

Chega Pebinha e diante dos elogios ao delegado Marcolino, para pra ouvir o finalzinho da conversa.

**MURILO**

Pronto, era só o que faltava, o cão quando não vem, manda o secretário.

**DELEGADO MARCOLINO**

Calma, tenham calma, não briguem no bar do meu amigo. Seu Zé, meu amigo, coloque mais uma, eu tenho que ir embora.

Delegado Marcolino vai embora se despedindo de seu Zé. Pebinha toma à frente do delegado na saída, mendigando.

**PEBINHA**

Meu capitão, pague uma dose, só uma, meu capitão. Você é autoridade máxima dessa cidade, só uma, meu capitão.

Sem saída o delegado coloca as mãos nos bolsos e dá algumas moedas. Seu Zé, no balcão, reclama da atitude de Pebinha.

**SEU ZÉ**

Pebinha, desse jeito não dá, vocês estão afastando a minha freguesia, vão pra suas casas vão... Saiam daqui.

Meire segura na mão de Pebinha, coloca-o sentado em uma cadeira.

**MEIRE**

Deixe, papai, eu me viro com essa criatura. Vamos, Pebinha, sente-se aqui. E pare de ficar pedindo doses para os nossos clientes, entendeu?

**PEBINHA**

Eu cheguei agora Neguinha! Não fiz nenhum mal para ninguém. Pronto, era só o que faltava.

Pebinha se levanta e vai para o balcão. Segura com as duas mãos um copo que está no balcão, pede que lhe sirva uma dose de pinga, mostra que tem moedas colocando-as sobre o balcão.

**PEBINHA**

Capitão, capitão, uma dosinha aqui pro seu capitãozinho. Coloque, que eu tenho umas



moedinhas. Oh! As moedinhas oh, são  
minhas...

Seu Zé olha pra ele com um olhar desconfiado, mas coloca a dose e espera  
com a mão aberta para receber.

**SEU ZÉ**  
Pebinha...?

**PEBINHA**  
Oi!

**SEU ZÉ**  
As moedinhas, antes de tomar a dose,  
combinado?

**PEBINHA**  
Combinado, meu capitão.

#### **CENA 140 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

O delegado Marcolino entra no camburão da polícia. Seu parceiro, que ficou  
no camburão, dá partida. Uma Rural estaciona em frente à mercearia.  
Meire atende à mesa de Ronalvo. Ao seu lado está Maria. Meire percebe a  
Rural que acaba de estacionar.

**MEIRE**  
Boa tarde, sr. Antônio Dias.

**ANTÔNIO DIAS**  
Boa tarde! E a mocinha como vai?

**MEIRE**  
Vou bem!

#### **CENA 141 – RURAL – INT – DIA**

No banco de trás, Binho e Rosinha, e Afonso e Ritinha estão aos beijos.  
Antônio Dias olha para o banco de trás e vê os casais. Antônio Dias é um  
senhor magro, de pele branca e cabelos brancos.

**ANTÔNIO DIAS**  
Oh, ei, a viagem acaba aqui. Vamos saindo  
da minha Rural que aqui não é motel. Estão  
ouvindo? Meire, pegue a cerveja mais gelada  
que tiver.

#### **CENA 142 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Antônio Dias desce do carro, segura na mão de Meire e vai ao encontro de

seu Zé que está atendendo no balcão.

**MEIRE**

Sr. Antônio Dias, eu tenho muita vontade de conhecer o rio São Francisco.

**ANTÔNIO DIAS**

Lá é muito lindo. Foi uma das melhores coisas que Deus criou. Lógico, depois dos homens, me refiro a nós, seres humanos.

**MEIRE**

Sempre que eu falo nesse assunto, mãe vira um bicho. Vai para o quarto rezar, pede por todos os santos que há na face da Terra para que eu tire da minha cabeça essa história de pôr meus pés naquele rio São Francisco.

**CENA 143 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Seu Zé observa do balcão os dois conversando um papo tão sério. Antônio Dias, segurando a mão de Meire, lhe aconselha.

**ANTÔNIO DIAS**

Meire, minha menina... Sabe de uma coisa? Quando a mãe da gente fala pra nós não faça isso, não faça aquilo, a gente pensa, pensa e pensa e nunca encontra uma resposta pra o que é certo. Quando fazemos o erro, sabe quem sofre? São as nossas mães. Meire, você ainda é tão jovem, espere eu falar com sua mãe, talvez ela deixe você ir com agente no próximo domingo. Eu vou tentar, mais não garanto.

**MEIRE**

Sr. Antônio Dias, muito obrigada. Eu vou pegar sua cerveja.

**ANTÔNIO DIAS**

Isso. Bem gelada, por favor.

Pebinha, fecha Antônio Dias atravessando na sua frente.

**PEBINHA**

Capitão, oh, meu capitão, uma dosinha, você não vai negar uma dosinha pro seu amigo, vai?

**ANTÔNIO DIAS**

O problema não eu pagar, é você nessas

condições! Pebinha, meu amigo, você vai acabar morrendo desse jeito.

**PEBINHA**

Eu já morri faz é tempo. Tá agora eu vi. E por acaso, você vai virar semente, vai? Essa é boa mesmo.

**ANTÔNIO DIAS**

Toma essas moedas, Pebinha, se não, daqui a pouco, quem morre sou eu e ainda por cima louco.

Seu Zé aguarda Antônio Dias e os dois conversam.

**ANTÔNIO DIAS**

Seu Zé como vai o senhor?

**SEU ZÉ**

Vou bem! Graças a Deus. E o sr., como vai?

**ANTÔNIO DIAS**

Tudo bem. Eu fui levar esse pessoal no rio, mas eles voltaram num fogo terrível.

**CENA 144 – CASA / COZINHA – INT – DIA**

Dona Maria lavando pratos. Meire vem por trás, abraça sua mãe e beija seu cabelo.

**MEIRE**

Oh! Mãe, dá até pena da senhora, passa o dia inteirinho lavando os pratos nessa cozinha.

**DONA MARIA**

Meire minha filha, tudo que a gente faz com amor não cansa.

**MEIRE**

É, isso é verdade, mãe, porque eu corro, corro e não me canso. Pai me chama de um lado, os clientes chama de outro e eu lá.

**DONA MARIA**

É como eu te falo minha filha. Depois, se não for a gente, quem é que vai fazer?

**CENA 145 – CASA / COZINHA – INT – NOITE**

Meire faz carinho na mãe, massageando seu cabelo. A chaleira de fazer café

no fogo.

**DONA MARIA**

Meire, apague o fogo do café.

**MEIRE**

Um cafezinho, a essa hora, faz um bem danado.

**CENA 146 – QUARTO DE BINHO – INT – NOITE**

Binho chega cantando acompanhado com Rosinha, os dois bêbados, se jogam na cama. Binho canta música de Dominginhos.

**BINHO**

Que falta me faz um denço  
Que falta que me faz um xodó  
Em quanto eu não tenho ninguém  
Eu levo a vida assim tão só  
Mas eu só quero um amor  
Que acabe o meu sofrer  
Um xodó pra mim do meu jeito  
Assim que acabe o meu sofrer....

**CENA 147 – CEMITÉRIO LOCAL – EXT – NOITE**

Afonso, bêbado e de cabeça baixa, passa em frente ao cemitério, uma rua escura. Ouve-se ruído de chocalho de um animal no pasto, canto de grilos, latidos de cães.

**CENA 148 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – NOITE**

As luzes da mercearia se apagam, a porta se fecha, encerrando mais um dia de expediente.

**CENA 149 – RUA / SORVETERIA ESPERANÇA – EXT – NOITE**

Um homem montado a cavalo passa em frente à sorveteria, quebrando o silêncio da noite.

**CENA 150 – CASA DE RONALVO – INT – NOITE**

Ronalvo deita na cama, liga o gravador e adormece ao som de uma música instrumental de Roberto Carlos. Detalhe no gravador.

**CENA 151 – AÇUDE DO DESVIO – EXT – MANHÃ**

O Sol reflete na água. Em silueta, um pescador em cima do paredão lança a rede no açude.

**CENA 152 – PONTE DO DESVIO – EXT – MANHÃ**

Um homem em uma carroça de burro, transportando tijolos, atravessa a ponte.

**CENA 153 – AÇUDE DO DESVIO – EXT – MANHÃ**

Detalhe de esgoto lançado dentro do açude. Ao fundo, Galega e Murilo pescam.

**CENA 154 – SORVETERIA ESPERANÇA – EXT – MANHÃ**

Binho sai da sorveteria com uma caixa de isopor nas mãos, coloca-a dentro do carrinho de vender picolé.

**CENA 155 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – MANHÃ**

Seu Zé monta as mesas dentro da mercearia e passa um pano nelas.

**CENA 156 – CASA / QUARTO DE ORAÇÕES – INT – MANHÃ**

Dona Maria reza com galhos de arruda e pinhão roxo. Na estante e nas paredes há imagens e retratos de diversos santos. A mesa está coberta com um pano branco. Sobre a mesa há velas e uma estátua do Santo Expedito entre outros.

**CENA 157 – CASA /QUINTAL – EXT – MANHÃ**

Meire joga milho para as galinhas. Ela rega as plantas com a mangueira. Duque está acorrentado, mas Meire o solta.

**MEIRE**

Meu Deus, eu não sei por quê pai prende tanto esse Duque. Não sei, não sei mesmo. E o pior é que, quando eu solto, pai logo me promete uma surra, e meus couros é quem paga.

**CENA 158 – RUA – EXT – MANHÃ**

Duque solto na rua. Ele corre atrás de um carro.

**CENA 159 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – MANHÃ**

Seu Zé atende no balcão. Sai uma senhora com a sacola de pães na mão.

**CENA 160 – RUA – EXT – MANHÃ**

Pebinha vem em direção à mercearia São José. Entra, pega uma cadeira, coloca na calçada, senta-se à espera de alguém que lhe pague uma dose.

**CENA 161 – MUSEU DELMIRO GOUVEIA – EXT – DIA**

Detalhe da fachada. A locomotiva do trem. Câmera em traveling para dentro da cabine do maquinista.

**CENA 162 – MUSEU DELMIRO GOUVEIA – INT – DIA**

Detalhe das fotografias do museu. Uma funcionária do museu está sentada

atrás do balcão de informações. Ela observa movimentação do lado de fora.

### **CENA 163 – MUSEU DELMIRO GOUVEIA – EXT – DIA**

Binho está de costas, olhando para os controles dentro da cabine da locomotiva. A funcionária do museu coloca a mão no ombro dele.

#### **FUNCIONÁRIA**

O Senhor, não quer entrar?

Binho leva um susto ao ser tocado.

#### **BINHO**

Eita, assim você mim mata de susto.

#### **FUNCIONÁRIA**

Me desculpe, não era a minha intenção.

### **CENA 164 – MUSEU DELMIRO GOUVEIA – INT – DIA**

A Funcionária mostra as fotos da fábrica e da usina de Angiquinho.

#### **FUNCIONÁRIA**

Foi aqui onde tudo começou. Em 1903, vindo da capital do Recife, fugindo das perseguições políticas, Delmiro Gouveia foi residir na Cidade de Água Branca. Contou com o apoio de um coronel chamado Ulisses Una. Longe dos seus inimigos políticos, ele resolveu morar de vez aqui no Nordeste. Comprou as terras de um fazendeiro e decidiu plantar algodão em todas suas terras, em um plano audacioso. Construiu uma hidrelétrica para produzir energia para sua própria fábrica de linhas. E logo se tornou líder no mercado.

Binho ao lado da Funcionária, olha as fotografia com muita atenção.

#### **BINHO**

É engraçado! Agente passa a vida aqui, nesse lugar e não tem nem ideia de quantas coisas já se passou nesta cidade. O criador, idealizador do sertão... Ele era um homem de muita coragem.

A Funcionária mostra a foto do mercado do Derby.

#### **FUNCIONÁRIA**

O mercado do Derby, um dos maiores patrimônios do coronel Delmiro Gouveia, foi

que o trouxe a este sertão

desconhecido.

**BINHO**

Como?

**FUNCIONÁRIA**

Depois que seus inimigos atearam fogo no Derby e o incriminaram, não restava outra saída a não ser fugir das perseguições políticas e deixar tudo para trás, recomeçando do zero.

Close no rosto de Binho. Ao fundo, a locomotiva. Ele fica em silêncio por alguns instantes, pensativo, olha para as fotos da exposição.

**FUNCIONÁRIA**

O que houve moço? Ficou em silencio.

**BINHO**

É, eu estou pensando... Vejo você falando com tanta... facilidade. Eu moro nessa cidade há tanto tempo, nunca nem imaginava.

**FUNCIONÁRIA**

Não importa. Você veio conhecer um pouco da cultura de nossa cidade. Você hoje se tornou um homem culto.

**BINHO**

Como assim, um homem culto?

**FUNCIONÁRIA**

Culto quero dizer, uma pessoa que tem cultura, está sempre buscando informações e conhecimento em algum lugar.

**BINHO**

Não, não... eu nunca nem fui pra escola,

**FUNCIONÁRIA**

Porque você nunca foi pra escola?

**BINHO**

Você não entendeu? Aqui é assim, filho de

pobre, vai pra escola a prender fazer o nome e passar troco.

**FUNCIONÁRIA**

Mas você não pode pensar assim!

**CENA 165 – RUA DE ESTRADA DE TERRA BATIDA – EXT – DIA**

FLASHBACK. Em frente a uma casinha simples. Binho, narra seu passado, em voz off. A mãe de Binho é uma senhora de uns 45 anos, morena.

**BINHO (V.O.)**

Quando eu tinha meus... acho que uns 10 anos de idade. Era meu aniversário. Minha mãe, pronta para ir pra feira, olhou pra mim e falou...

**MÃE DE BINHO**

Filho, hoje é um dia especial, eu vou lhe dar um presente.

Binho criança olha pra os seus chinelos, suas roupas. A mãe sai. O menino fica o dia todo na porta de casa, aguardando a mãe voltar. Ele a vê chegando, com um grande embrulho.

**CENA 166 – CASA DE BINHO CRIANÇA – INT – DIA**

Ela entra em casa e coloca sobre a mesa o embrulho. Abrem juntos o pacote.

**BINHO (V.O.)**

Ganhei uma caixa de isopor aos 10 anos de idade. Larguei os estudos pra sustentar a família. Me transformei em um vendedor de picolé.

**CENA 167 – MUSEU DELMIRO GOUVEIA – INT – DIA**

Close no rosto da Funcionária olhando para Binho. Ao fundo, uma fotografia na parede do museu muda a cena.

**CENA 168 – RUA – EXT – DIA**

Binho empurra o seu carrinho de picolé. Para em frente à praça Delmiro Gouveia e lê a placa dedicatória (detalhar).

**BINHO**

Morreu aqui, em 10 de outubro de 1917, vítima de assassinato, com três tiros certos no peito, o Senhor evangelizador do sertão,



Delmiro Augusto da Cruz Gouveia.

**CENA 169 – QUARTO DE BINHO – INT – NOITE**

Binho entra no quarto, liga a TV, joga-se sobre a cama, tira os sapatos com os pés. Adormece e tem sonhos.

**CENA 170 – CASA/VARANDA – EXT – NOITE**

Um homem branco, magro e alto, vestindo um terno branco, sentado em uma cadeira na varanda da casa, lê um jornal à luz de um lampião a gás. A porta da casa está aberta e percebe-se que o interior está iluminado. Os galhos do mato em frente da casa balançam. Som de algo rastejando em direção da casa.

O homem continua a ler o jornal. Ele olha para o mato por alguns instantes, depois continua a sua leitura. O cano de uma espingarda surge entre as folhas. Tem como alvo o homem sentado na varanda.

Detalhar o dedo no gatilho da espingarda. Um disparo acerta o braço esquerdo do homem.

O homem, ao receber o tiro no braço, levanta-se da cadeira, deixa cair o jornal. Cambaleando, dá um passo a frente, outro para trás, recebe mais dois tiros no peito. Em seguida ele cai em câmara lenta.

Uma senhora sai da casa, corre em direção ao corpo, aos gritos.

**SENHORA**

Meu Deus, o que é isso? Quem fez isso?

A mulher olha para o mato em frente. A vegetação ainda está balançando e ouve-se o som de gente correndo.

**CENA 171 – QUARTO DE BINHO – INT – NOITE**

Com o reflexo da luz da televisão em seu rosto, Binho acorda assustado. A televisão preto e branco exibe uma cena de tiroteio do filme O Cangaceiro.

**CENA 172 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – NOITE**

Em frente da mercearia, silêncio, as luzes se apagam. Logo em seguida, passa um carro em frente.

Passa um homem montado a cavalo. Começa a chover. Reflexo da luz dos postes da rua. Relâmpagos e trovões.

**CENA 173 – CASA DE DONA MARIA/SALA – INT – NOITE**

O silêncio é interrompido pelo barulho dos trovões. Clarão dos relâmpagos na porta de entrada da casa.

**CENA 174 – CASA/QUARTO DO CASAL – INT – NOITE**

Detalhe do casal deitado. Os clarões dos relâmpagos dentro do quarto. Dona Maria levanta-se da cama, abre a porta do quarto, e sai em silêncio,

deixando a porta entreaberta. Ao fundo, seu Zé deitado na cama.

### **CENA 175 – CASA/QUARTO DE MEIRE – INT – NOITE**

Dona Maria entra no quarto. Meire está dormindo. Dona Maria beija Meire no rosto, pega em sua mão fortemente (DETALHAR).

#### **DONA MARIA**

Oh, filha como você é linda! Deus lhe abençoe sempre. Durma com os anjos.

Dona Maria sai do quarto de Meire e vai até o quarto de fazer orações. Barulho dos trovões e relâmpagos iluminam toda a sala da casa.

#### **DONA MARIA**

Meu Deus, e essa chuva...

### **CENA 176 – QUARTO DE ORAÇÕES – INT – NOITE**

A cortina do quarto balança devido ao vento que entra por uma fresta da janela. Os trovões e relâmpagos continuam. As imagens na estante deixam um clima de suspense no quarto.

Dona Maria entra no quarto, acende uma vela, coloca-a diante do quadro de um santo, em cima da mesa. Ela se ajoelha para rezar.

#### **DONA MARIA**

Meu Deus, venho através dessa oração, pedir proteção para minha família. Meu Deus, essa chuva, que não passa, tão forte que chega dar é medo, meu Deus, amanhã é domingo e, com essa chuva, o rio São Francisco deve está tão cheio. Eu fico morrendo de medo, meu Deus.

Livra essa gente, meu Senhor.

Está em suas mãos e que o Senhor proteja a todos em nome de Jesus.

Pai nosso que estai no céu, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino.

Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia, nos dai hoje. Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Não os deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

Sobre a reza de Dona Maria, imagens da chuva, do rio.

### **CENA 177 – AÇUDE DELMIRO GOUVEIA – EXT – DIA**

O paredão do açude jorrando água sem parar. O nascer do sol reflete nas águas do açude.

**CENA 178 – ANTIGA ESTRADA DE FERRO – EXT – DIA**

Binho sentado nos trilhos da antiga ponte da estrada de ferro, por onde o trem passava no século passado.

**BINHO**

Ontem choveu a noite inteira, parece que os deuses estavam furiosos.

Passa um homem a cavalo. Ao fundo, a imagem do açude jorrando água.

**CENA 179 – AÇUDE DELMIRO GOUVEIA – EXT – DIA**

Detalhe no paredão do açude jorrando água. Câ. sobe em uma vista aérea, mostra toda a margem, as árvores, as garças voando. A beleza contrasta com a imagem de esgoto sendo lançado nesse açude.

**CENA 180 – CASA/QUARTO DE MEIRE – INT – DIA**

Meire deitada na cama. Ela acorda com o canto do galo no quintal. Ela abre os olhos vagarosamente. Meire levanta, vai até o espelho do guarda-roupa e conversa consigo mesma.

**MEIRE**

Hoje é o dia mais feliz da minha vida! Vou conhecer o rio São Francisco. Lá deve ser muito lindo. Pensei que esse dia nunca chegaria. Se for igual ao meu sonho e como os livros contam, aquela água azul toda à minha volta, sem contar com os mergulhos que eu vou dar, pulando de cima das pedras enormes, na beira do rio.

**CENA 181 – CASA/COZINHA – INT – DIA**

Dona Maria, ao lado do fogão, fazendo o café. Chega Meire, toda carinhosa, abraçando-a por trás.

**MEIRE**

Hum! Esse café tá um cheiro! Bênção, mãe.

**DONA MARIA**

Deus lhe abençoe, minha filha. Você acordou tão cedo.

**MEIRE**

Ah! Mãe, hoje é domingo. Eu não vou ficar dormindo o dia todo.

Dona Maria e Meire na mesa, tomam café.

**MEIRE**

Mãe, a Suely vem hoje pra casa?

**DONA MARIA**

Vem, sim, você sabe, todos os domingos ela passa aqui. Por quê?

**MEIRE**

Por nada, só perguntei. Se a Suely for para o rio, eu posso ir com ela?

A mãe se engasga com o pão que estava comendo. Levanta-se, batendo com a mão no peito, balançando a cabeça negativamente para Meire.

**DONA MARIA**

Não, minha filha, tudo no mundo menos isso. Não faça isso com a sua mãe. Deixe essa ideia maluca. Você ainda é tão criança, tem só 15 anos. Eu confesso que tenho medo, um medo tão grande, agarrado no meu peito. Você sabe por quê, minha filha/

Meire, que se levantou e está na porta da cozinha, olhando para o quintal, se vira para sua mãe, com um jeito meigo, toda sorridente, tenta convencê-la.

**MEIRE**

Ah, mãe, eu sei, a senhora tem medo porque lá é muito grande e já morreu muita gente afogada. Mas e se eu for junto com a Suely? Ela já foi tantas vezes.

**DONA MARIA**

É, mas a Suely já é bem crescidinha e tem o marido ao lado o tempo inteiro. Mas será possível? Os filhos de hoje e dia não param de teimar um só minuto.

### **CENA 182 – CASA/QUINTAL – EXT – DIA**

Meire varre o quintal, olha para cada detalhe: as galinhas com os pintinhos, os pássaros cantando nas árvores. Ela vai até o jardim, pega uma flor, coloca em seu cabelo. Ao fundo, a música do Balão Mágico. Meire canta junto.

### **CENA 183 – CASA/COZINHA – INT – MANHÃ**

Dona Maria sentada em uma cadeira, olha para um lado e para outro, procurando uma resposta.

**DONA MARIA**

A carta... Porque eu não pensei nisso antes? Onde será que eu coloquei essa carta? Com

certeza, a resposta vai estar na carta. Ah, já sei.

Detalhar o vaso com flores em cima da geladeira e o envelope entre as flores.

Dona Maria, junto à geladeira, pega o envelope, abre-a, retira a carta de dentro e lê. No meio da leitura, a voz da mãe mistura com a voz da professora.

**DONA MARIA/PROFESSORA (VOZ OFF)**

Mãe,

Eu sei que ser mãe é muito complicado.

Sempre dizemos “não” para nossos filhos. Às vezes, nós estamos certos, às vezes, não.

Mas não damos a importância devida.

Apegamos-nos aos bens materiais ou profissionais e esquecemos nosso maior patrimônio: a vida.

**CENA 184 – ESCOLA FRANCISCA ROSA – INT – DIA**

Flashbacks com cenas da escola. Meire voltando para casa, com o envelope na mão, contra o sol, tentando ler o que está escrito.

**DONA MARIA/PROFESSORA (VOZ OFF)**

Mãe, hoje sua filha me surpreendeu. Ela me fez lembrar quando eu era criança, aquele velho sonho ser professora.

O tempo e a correria do dia a dia, às vezes nos tornam reféns do trabalho, a ponto de sermos tão chatos, escravos da própria ignorância.

Parabéns, pois a sua filha é um exemplo a ser seguido.

Beijos,

Professora Nicinha.

**CENA 185 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Uma Rural estaciona em frente à mercearia. Sai uma turma de dentro do carro. Ao fundo, seu Zé atende no balcão. Ao lado, Pebinha sentado em uma cadeira, segurando um copo em suas mãos.

**CENA 186 – CASA/QUINTAL – EXT – DIA**

Duque acorrentado a uma árvore, observa Meire com um olhar triste. Ela o solta. Duque deita com as patas pra cima, não quer sair do quintal.

**MEIRE**

Vamos, Duque, você tá solto, pode sair.  
Pronto, agora deu, hoje que eu vou para o rio  
da lagoinha... Duque fica doente.

Meire fica sob uma árvore, ouvindo o canto dos pássaros, imaginando mil coisas. Duque permanece ao seu lado com um olhar triste.  
DETALHAR um pequeno galho com folhas caindo em câmara lenta.

### **CENA 187 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Mesas na calçada, Miguel junto com outros clientes bebem, cantam, fazem festa, com batucadas de pandeiros.

#### **MIGUEL**

E faz três dias que não janto  
E quatro que não almoço  
Só por causa do seu carinho, Baby  
Quero te comer, mais não posso  
Eu quero cu, quero cu, quero cu  
Quero te comer, mas não posso  
Mas ela é doida, ela raspa os cabelos do cu  
Os cabelos dos cotovelos  
O pai dela é um tremendo via...  
Um tremendo, viajante.

Seu Zé, no balcão, ao ouvir a música de duplo sentido, sai para dar um basta.

#### **SEU ZÉ**

Vocês estão pensando que estão na casa de vocês? Pois fiquem todos sabendo que aqui não é nenhum cabaré não, entenderam?  
Aqui ainda é uma casa familiar, onde entra gente de família, vamos respeitar, deixem pra cantar essa pornografia quando estiverem no rio da lagoinha.

#### **MIGUEL**

Ah, seu Zé, é apenas uma música não foi por mal.

#### **MIGUEL**

Agente só tá se divertindo.

#### **MIGUEL**

Agora, vem tomar uma com agente, seu Zé.

#### **SEU ZÉ**

Eu tenho mais o que fazer.

**MIGUEL**

Aí, seu Zé, essa, agora, com todo respeito, é pra você e todos os clientes do seu bar. É como se fosse uma despedida. Gente, muita animação porque essa dói até na alma.

Detalhe na batida dos tambores, muitos gritos e risadas e a música se inicia, cheia de alegria (música de Zeca Pagodinho).

**MIGUEL**

Eu que já passei por quase tudo  
Nessa vida em matéria de guariba  
Espero agora minha vez  
Mas prometo que sou de origem  
Pobre agradeço por tudo  
Que Deus me deu  
Deixar a vida me levar

Vida leva, eu  
deixar vida me, levar  
Vida levar eu agradeço  
e sou feliz por tudo que  
Deus me deu...

As pessoas que passam pela rua param em frente da mercearia. Juntam-se aos outros com olhares voltados para a mercearia e cantam junto.

**ASTROGILDO**

Nossa, hoje aqui tá de mais...

**MURILO**

Esse pagode de Zeca é de mais. Agora sim, o bar do veio gago vai lotar. O pessoal gosta é muito desses pagodes.

**CENA 188 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Seu Zé atende os clientes. Ao seu lado, a Galega bebe encostada no balcão. Chega mais gente, todos atraídos pela música.

**SEU ZÉ**

Agora sim! Quantas canções que eu não ouvia tocar no radio, já faz muito tempo.

**GALEGA**

Olha seu Zé, seu bar hoje está alegre, é uma atrás da outra.

**SEU ZÉ**

É mais o Pebinha, pelo jeito, não gostou, não. Olha lá, ele tá num sono pesado, nada o acorda.

**MURILO**

Melhor assim. Se ele acordar, é um pedepede de dose que ninguém aguenta.

Pebinha dorme sentado na cadeira, segurando um copo. Logo, Pebinha tomba para o lado e cai da cadeira. Murilo e a Galega vão até Pebinha e o sentam de volta na cadeira.

**MURILO**

Mas que situação chega um homem. Ele era tão trabalhador, é meu amigo. A cachaça é dose, se o cara não tomar cuidado, ela pega. Não é a toa que já tem o nome de malvada.

**CENA 189 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Na calçada da mercearia não para de chegar clientes, sempre atraídos pelos tambores dos pagodeiros.

Meire passa pano nas mesas, leva cerveja, entrega contas, recolhe cascas de limão.

Os clientes levantam-se, deixam o dinheiro, tomam seus últimos goles de cerveja, agradecem a Meire.

**MIGUEL**

Meire, a festa agora é no rio da lagoinha.

Seu Zé traz garrafas de cervejas e as coloca sobre uma mesa. O pagode se encerra com a música “Trem das onze”.

**MIGUEL**

Eu não posso ficar  
Nem mais um minuto com você  
Sinto muito amor, mais não pode ser  
Moro em Jaçanã  
Se eu perder este trem  
Que sai agora às onze horas  
Só amanhã de manhã  
Além disso, mulher  
Tem outras coisas  
Minha mãe não dorme enquanto  
Eu não chegar.  
Sou filho único



Tenho minha casa pra morar  
Não posso ficar...

Seu Zé traz uma conta, entrega para o Miguel, conversa com ele e se despede com apertos de mãos.

**SEU ZÉ**  
Mais já vão?

**MIGUEL**  
A gente já tá indo!

**SEU ZÉ**  
Tá cedo, gente, tomem mais uma. É por conta da casa. Hoje vocês mandaram ver. Só música boa.

**MIGUEL**  
Seu Zé, porque não vamos dar uns mergulhos no rio? Vem com agente.

**SEU ZÉ**  
Não! Eu tenho muito que fazer hoje aqui, mas deixe para outro dia.

**MIGUEL**  
E você, Meire, quando vai com agente?

**MEIRE**  
Pai tem medo, mas hoje, eu acho que mãe vai deixar eu ir junto com a Suely.

**MIGUEL**  
Bom, então, se vocês forem, nos encontramos lá. Agora temos que ir.

**MEIRE**  
Vão com Deus.

**MIGUEL**  
Fiquem vocês com ele também.

**MEIRE**  
Amém.

Detalhe nas garrafas em cima da mesa. A Rural parte com destino ao rio São Francisco. Todos se despedem acenando. Meire abraça o pai e seus olhos enchem de lágrimas. Ao fundo, as mesas na

calçada, clientes rindo, bebendo, jogando sinuca.

**MEIRE**

Ah, pai, deixar eu ir hoje? Olha aí, todo mundo vai. O que tem de mais eu ir?

**SEU ZÉ**

Oh, minha filha, às vezes, a vida é cheia de surpresas e nós não sabemos de nada. Às vezes, fico pensando: tanta gente se divertindo, é aqui, é no rio São Francisco, e nós trabalhando dia e noite, noite e dia. Olha toda essa gente. A vida é assim.

**MEIRE**

Ah, Pai, a Suely vai hoje. Eu posso ir com ela. Pra que esse medo? Olha só, quanta gente saindo para o rio. Vão todos os domingos. Não vejo nada de mais nisso. Que saber? Isso é tudo superstição.

Meire esfrega as mãos no rosto e deixa seu pai falando sozinho. Vai até uma mesa, retira alguns copos e oferece cerveja aos clientes. Ela está sempre sorridente. Ao fundo, seu pai observa a filha atendendo cada cliente.

**MEIRE**

Ih, aqui nessa mesa tá faltando cerveja!

**CLIENTE**

Acertou, Meire. Traz uma bem gelada.

**MEIRE**

Só se for agora!

**CENA 190 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Pebinha sentado na cadeira com o rosto todo pintado de batom vermelho.

**MEIRE**

Oh, meu Deus, todo dia fazem isso com o Pebinha enquanto ele dorme como criança. Não tem jeito, é como pai fala, cada um se diverte como pode e a gente só trabalha.

Meire, com uma vasilha com água e sabão, lava o rosto de Pebinha que acorda, assustado com a água fria no seu rosto.

**PEBINHA**

Pronto. Agora eu vi. Não pode nem fechar um pouco os olhos e você vem me... Oh, vamos parar. Depois seu pai não deixa mais eu entrar aqui, nem pra beber uma dose.

Seu Zé, no balcão, olha atenciosamente pra Meire lavando o rosto de Pebinha.

**PEBINHA**

Oh, seu Zé, tá vendo, né? Eu não fiz nada, eu só tava aqui sentado, só sentado.

**MEIRE**

Deixa de besteira Pebinha. Você tá com cara de palhaço. Fica enchendo a cara. Por que não para de beber? Olha só pra sua cara toda lavada.

**PEBINHA**

Tá, agora eu vi mesmo. Você molha minha cara e sai falando. Coloque uma dosinha pra mim, vá, minha neguinha.

**CENA 191 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Uma Rural estaciona em frente à Mercearia São José. Na calçada, os clientes bebem, jogam sinuca, crianças correm no local.

**CENA 192 – CASA/COZINHA – INT – DIA**

Dona Maria lava a louça na pia. Meire vem, abraça-a por trás e beija o seu cabelo, faz um carinho na mãe.

**MEIRE**

Mãe, o que eu tinha de fazer, já fiz por hoje. Varri o quintal, arrumei a casa e ajudei o pai na mercearia. Agora, eu posso ir para o rio?

**DONA MARIA**

Não, minha filha, já vem você de novo com essa história.

Meire, eu ainda não sei de onde você tirou essa mania de querer conhecer esse tal de rio São Francisco.

Meire na porta da cozinha, olha para o quintal. Ao fundo, Dona Maria ainda lavando a louça, olha para Meire e balança a cabeça.

### **CENA 193 – CASA/QUARTO DE ORAÇÕES – INT – DIA**

Dona Maria acende uma vela e, de joelhos, faz uma oração. DETALHAR os retratos de santo na parede, bonecos nas prateleiras e os artigos religiosos que há no quarto.

#### **DONA MARIA (V.OFF)**

Meu Deus, está em suas mãos. Eu sou mãe e toda mãe sente. Deus, proteja a minha filha. Ela é apenas uma criança, ela só tem quinze anos, ainda é uma menina. Eu não posso mais evitar esse passeio. Eu nunca vi tanta insistência, esse rio é tão perigoso. Meu senhor, me dá uma luz, por favor, tire isso da cabeça dela. O senhor que é tão poderoso, tenha piedade de mim. Pai nosso que estai no céu ...

### **CENA 194 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Antônio Dias sai da Rural. Abre a porta para o desembarque de passageiros: Suely e seu marido, Jairo.

#### **ANTÔNIO DIAS**

Vamos lá gente, não podemos atrasar tanto assim, olha a hora. Se ficar muito tarde, o sol vai embora e acaba toda a festa. Vamos lá, gente, anda rápido.

Seu Zé aparece na calçada. Pouco depois, Dona Maria.

#### **SEU ZÉ**

Menino, quanto tempo. Nem parece que mora na mesma cidade.

#### **JAIRO**

É o trabalho, que deixa a gente afastado.

#### **SEU ZÉ**

Vamos entrando, Jairo.

#### **SUELY**

Bênção, pai.

#### **SEU ZÉ**

Deus lhe abençoe, filha.

#### **DONA MARIA**

Bom dia, minha filha.

**SUELY**

Bom dia, mãe, bênção!

**DONA MARIA**

Deus lhe abençoe, minha filha.

Ronalvo chega com um radiogravador em suas mãos. Ele coloca o aparelho em cima da mesa de sinuca.

Na calçada, Dona Maria conversa com Jairo e Suely. Ao fundo, seu Zé atende Ronalvo e Antônio Dias no balcão.

**DONA MARIA**

Suely, minha filha, pelo amor que eu tenho a Deus, por favor, cuida da Meire. Não deixe que ela entre no rio. Eu não sei, estou com um aperto em meu peito. Suely, me prometa que vai ter cuidado com ela. Jairo, eu confio em você, cuida direitinho dela.

Jairo segura nas mãos de Dona Maria com um olhar firme, olho no olho.

**JAIRO**

Pode ficar tranquila, Dona Maria, eu prometo pra senhora. Eu vou lá toda semana. A senhora pode ficar tranquila, nós vamos cuidar dela.

Meire chega com uma mochila nas costas. Abraça Suely e pega na mão de Jairo. Fala com Dona Maria.

**MEIRE**

Oh, mãe... não fique assim, é só um passeio, eu vou me divertir com eles. Deixe essa tristeza de lado, eu não sou mais criança, mãe. Eu vou ter muito cuidado. Eu prometo. É só essa vez. Eu te amo, mãe.

**DONA MARIA**

Eu também te amo, minha filha. Se me preocupo com você é porque te amo muito. Vá, minha filha, mas tome muito cuidado e não entre no rio. Fique na beirinha. Obedeça a sua irmã e o Jairo. Tome muito cuidado!

Dona Maria, segura as mãos de Meire. Chega Marilene, outra filha de Dona Maria, uma moça de 19 anos, aproximadamente.

**DONA MARIA**

Aquele rio é muito traiçoeiro, mas isso é besteira, é coisa de mãe. Deus lhe abençoe.

Dona Maria abraça as filhas Marilene e Meire. Chega seu Zé. Meire corre para seus braços.

**MEIRE**

Pai, a Marilene vai ficar ajudando o Senhor.  
Eu te amo. Obrigada por deixar eu ir.

**SEU ZÉ**

Vá com Deus, minha filha. Divirta-se bastante. Deixe que eu cuido daqui, junto com sua irmã. Se preocupe só com o seu passeio.

Antônio Dias entra na Rural e liga o motor. Em seguida entram Jairo com Suely, Meire e Ronalvo com o gravador nas mãos.

Meire, na janela da Rural, olha para seus pais e sua irmã Marilene na calçada da mercearia.

Binho vem correndo empurrando o carrinho de vender picolé.

**BINHO**

Espera! Eu também vou! Espera, que esse passeio eu não perco por nada.

**MEIRE**

Antônio Dias, pare o carro! O Binho vai também.

Binho, deixa o carrinho com seu Zé, e corre para a Rural.

**BINHO**

Seu Zé, guarda ele pra mim? Quase perdi essa carona.

Meire continua a olhar seus pais. Ansiosa com sua saída para o passeio, seus olhos se enchem de lágrimas.

Dona Maria segura as mãos de Marilene e seu Zé. Os três observam a Rural, que vai se distancia. Dona Maria emociona-se e seus olhos se enchem de lágrimas. Ao fundo, os clientes bebem nas mesas e jogam sinuca.

**DONA MARIA**

Oh, Zé, será que foi certo?

**SEU ZÉ**

Certo o quê Maria?

**DONA MARIA**

Nós, Zé, deixar a nossa filha ir junto. Eu

tenho tanto medo, sei não, Zé, se foi certo deixar ela ir.

### **SEU ZÉ**

Tenha fé em Deus, a gente mima muito a nossa caçula. Ela tá crescendo tão rápido e não sabe nada da vida. Maria, ela já é uma mocinha.

Quer saber? Eu também tenho medo, mas quem protege nossos filhos é Deus. Agora vamos entrar, que o que tá feito, tá feito. Vamos ter fé.

### **CENA 195 – RUAS – EXT – DIA**

A Rural em movimento, buzina, e vai se distanciando. Fundo musical.

### **CENA 196 – ESTRADA DA LAGOINHA – EXT – DIA**

A Rural levanta poeira na estrada de terra batida. Paisagem local: a catinga, pessoas de bicicleta, alguns com bagageiro, transportando lenha, pessoas a cavalo.

### **CENA 197 – PONTE DO RIACHO GRANDE – EXT – DIA**

A Rural para antes da ponte, dá passagem para uma boiada guiada por um boiadeiro.

Antônio Dias, com as mãos segurando no volante, observa a boiada.

Meire cola seu rosto à janela do carro e olha atentamente a boiada passar.

Uma bezerra mamando deixa Meire encantada.

### **MEIRE**

Nossa, quantos bois lindos. Olha essa bezerrinha. Ah, eu vou pedir pra pai comprar uma dessa pra mim. Elas são muito lindas.

### **RONALVO**

Vou colocar uma música pra alegrar esse passeio.

### **BINHO**

É boa, aquela do xodó.

### **RONALVO**

Não. Todo esse gado passando, me faz lembrar uma figura muito querida, que merece a nossa homenagem.

Detalhar o gravador no colo de Ronalvo. Ele coloca uma fita cassete no gravador e liga. Todos catam juntos uma música de Luiz Gonzaga.

Vista aérea da Rural em movimento na estrada.

**GRAVADOR (OFF)**

Estou no cansaço da vida  
estou no descanso da fé  
estou em guerra com a fome  
na mesa filho e mulher  
ser sertanejo senhor  
é fazer o fraco forte  
carregar azar ou sorte  
comparar vida com morte  
é nascer nesse sertão...  
A batalha está acabando  
já vejo relampear...

Abro o curral da miséria  
e deixo a fome passar  
o que eu sinto, meu senhor  
não me queixo de ninguém  
o que falta aqui é chuva  
mas eu sei que um dia vem  
vai ter tudo de fartura

pra quem teve hoje não tem.  
A batalha está acabando  
já vejo relampear...  
Abro o curral da miséria  
e deixo a fome passar  
o que eu sinto, meu senhor  
não me queixo de ninguém  
o que falta aqui é chuva  
mas eu sei que um dia vem  
vai ter tudo de fartura,  
pra quem teve, hoje não tem.

**CENA 198 – POVOADO LAGOINHA – EXT – DIA**

Vista aérea do povoado. No campo de futebol, times disputam uma partida.  
A torcida em volta do campo. Alguns montados a cavalo ou em bicicletas.  
A Rural chega no povoado, crianças correm pela rua e outras cuidam de ovelhas no pasto.  
A Rural estaciona em frente a um bar. Mesas com clientes bebendo.

**CENA 199 – RIO SÃO FRANCISCO – EXT – DIA**

Ronalvo, Binho e Antônio Dias e, atrás deles, Meire, Suely e Jairo, olham para o rio São Francisco do alto. Vista da sua dimensão e beleza, dos cones em volta do rio.

**ANTÔNIO DIAS**



Meire, venha ver como é lindo o rio daqui de cima.

Meire fica encantada com rio. Suely segura nas mãos de Meire.

**MEIRE**

Nossa, é muito lindo! Suely, é do jeito que eu imaginava.

**ANTÔNIO DIAS**

Você ainda não viu nada. Bom é lá em baixo.

**MEIRE**

Meu Deus, olha quanta água. E eu, morando tão perto. Eu não entendo porque mãe escondeu isso de mim. Parece com o sonho que eu tive outro dia.

**SUELY**

Sonho? Que sonho foi esse, Meire?

**MEIRE**

É... eu sonhei... eu tava toda vestida de branco.

**SUELY**

E mãe sabe desse sonho?

**MEIRE**

Não!

**SUELY**

Você devia ter contado. Você sabe como mãe é, ela sempre tá falando sobre sonhos.

**MEIRE**

Ah, Suely foi só um sonho. Minha professora não mentiu quando falou que aqui a água é tão azul que é o mesmo que olhar para o céu... Gente, vocês realizaram o meu sonho. Obrigada, Suely, muito obrigada por deixar vir com vocês. Eu estou tão feliz, estar aqui é muito bom, é bom de mais.

#### **CENA 200 – TRILHA – EXT – DIA**

Antônio Dias mostra a ladeira para chegar até o rio. Todos se reúnem em círculo e, com suas mãos dadas, fazem uma oração.

### **ANTÔNIO DIAS**

Olhando daqui é bom, Meire, mas cuidado com a descida. É um pouco escorregadia, a pessoa pode cair lá em baixo. Na subida é mais arriscado ainda. Bom, gente, agora vamos pedir a Deus uma boa diversão e que as águas do São Francisco estejam tão seguras quanto as águas que saem de nossas torneiras. Senhor, estamos todos aqui em busca de diversão. Com o Senhor nós chegamos e com o Senhor nós voltaremos, em nome de Jesus. Amém.

Antônio Dias caminha na frente, guiando o grupo. Meire vem em seguida, segurando na mão de Suely. Jairo, Ronalvo com seu gravador e Binho vêm atrás.

Meire solta a mão de Suely. Antônio Dias desvia de pequenas pedras no caminho. Ao lado, vista do rio São Francisco. Detalhar cada passo dado por Meire, deixando um suspense na cena.

Meire distrai ao olhar para o rio, escorrega ao pisar em uma pedra, as pedras rolam ladeira abaixo.

Antônio Dias segura no braço de Meire. Suely se assusta, olha pra Meire. Vista do rio São Francisco muda a cena.

### **CENA 201 – CASA/QUARTO DE DONA MARIA – INT – DIA**

Dona Maria coloca a mão no peito, sente um aperto. Ela acende uma vela deixando um suspense na cena.

### **CENA 202 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Marilene varre a calçada da mercearia. Seu Zé, junto ao balcão, com os braços cruzados e a mão no queixo observa Marilene.

### **CENA 203 – RIO SÃO FRANCISCO – EXT – DIA**

Ronalvo coloca o gravador sobre uma pedra. Todos largam os seus pertences, como bolsas, roupas e sapatos. Ronalvo e Binho correm para o rio e entram na água. Suely reclama e, em seguida, recebe um abraço do marido.

### **SUELY**

Nossa, até que em fim chegamos. Essa ladeira mata um.

### **JAIRO**

Ah, meu amor, tem coisa melhor que estar aqui nesse paraíso? Nada como um bom banho para tirar o cansaço. Olha só a felicidade nos olhos da Meire.

Meire está encantada com a vista do rio. Ela vai até a beira, coloca os pés na água, respira fundo fecha os olhos, pega água com as mãos e molha o rosto, ela se benze com a água nas mãos.

Meire vai entrando vagarosamente no rio, mergulha na água, deixando um suspense na cena. A imagem sobe e para no azul do céu, mudando a cena.

#### **CENA 204 – RIO SÃO FRANCISCO – EXT – DIA**

Fim de tarde. Pôr do sol brilha sobre as águas do São Francisco.

Na beira do rio, somente o barulho de pequenas ondas batendo nas pedras.

#### **CENA 205 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – NOITE**

Silêncio em frente da mercearia São José. As portas fechadas. Passa um homem em uma bicicleta.

#### **CENA 206 – RUA – EXT – NOITE**

Um homem montado a cavalo passa em frente da sorveteria Esperança.

Silêncio. Detalhe na fachada muda a cena.

#### **CENA 207 – CASA/QUINTAL – EXT – DIA**

O galo canta no terreiro. Duque, acorrentado a uma árvore, quieto e triste. No canto do quintal, as plantas do jardim com as folhas secas e as flores murchas por falta de água. Fundo musical “As flores do jardim”, de Roberto Carlos, ao som de piano.

Detalhar a mão de Dona Maria segurando um regador, molhando as plantas.

#### **DONA MARIA**

Ah, meu Deus. Essas plantas estão todas mortas! Me perdoe, filha, minha cabeça... Eu não consigo fazer mais nada... Tanto sofrimento... Minha vida acabou... Eu não mereço isso, meu Deus.

#### **CENA 208 – TORRE DA IGREJA – EXT – DIA**

Sinos da igreja tocam. A imagem vai descendo e para na porta da igreja.

#### **CENA 209 – PRAÇA DA IGREJA – EXT – DIA**

Algumas pessoas circulam pela praça, outras entram na igreja. Barulho dos sinos tocando.

#### **CENA 210 – FEIRA LIVRE – EXT – DIA**

Os feirantes param o trabalho ao ouvir a música “Ave Maria”, nos megafones instalados em postes pela cidade.

#### **LOCUTOR DO PRPC (MEGAFONE)**

Atenção para esta nota de utilidade pública.

A família José

Vieira convida todos os parentes, amigos e irmãos para a missa de sétimo dia que

acontece no dia de hoje na igreja nova.  
Compareçam a esse ato de fé e piedade  
cristã.

**CENA 211 – PONTE DO DESVIO – EXT – DIA**

Passa uma caminhonete D20. Entre outros passageiros, está Binho com um olhar triste. No bagageiro da carroceria, o carrinho de vender picolé preso por uma corda. Ao fundo, o açude Delmiro Gouveia.

**CENA 212 – PREFEITURA MUNICIPAL – EXT – DIA**

Binho passa empurrando o carrinho de vender picolé em frente a prefeitura. Pessoas entram na prefeitura, outras estão sentadas nos bancos na praça em frente.

**CENA 213 – PRAÇA DA IGREJA NOVA – EXT – DIA**

Detalhar as rodas do carrinho em movimento. Binho deixa o carrinho na praça, vai até a porta da igreja e entra.

**CENA 314 – IGREJA NOVA – INT – DIA**

O padre no altar pronto para iniciar a missa. Sentados na primeira fila estão Dona Maria e seu Zé de mãos dadas, Suely e Jairo e Marilene. Outras pessoas ao fundo.

Detalhe de retratos de santo nas paredes da igreja e sua arquitetura interna. O padre ergue os braços. Todos ficam de pé. Seu Zé aperta a mão de Dona Maria e olha para as suas filhas que estão ao lado.

Ronalvo e Antônio Dias chegam na porta da igreja. Depois, Afonso e seu filho Astrogildo.

**CENA 315 – QUARTO DE BINHO – INT – NOITE**

Binho deitado com os olhos abertos, pensativo.

**CENA 316 – QUARTO DE RONALVO – INT – NOITE**

Ronalvo, deitado na cama, olha para o gravador que está no criado mudo ao lado. Pressiona o botão “play”. Uma gravação com a voz de Meire cantando a música do Balão Mágico.

**GRAVADOR (MEIRE V.OFF)**

Super fantástico amigo  
que bom estar contigo  
no nosso balão...

Ronalvo desliga o gravador rapidamente e levanta-se da cama com o olhar assustado.

**RONALVO**

Meu Deus... Não pode ser. Ficou gravado.  
Não acredito! E agora, o que eu faço? Já sei,  
entrego pra mãe dela, não... não isso não...

já sei, vou destruir essa fita, mas isso não é certo, a mãe tem que saber.

**CENA 317 – QUARTO DE DONA MARIA – INT – NOITE**

Dona Maria com vestido branco, diante da mesinha de fazer orações, acende uma vela. Detalhe na chama da vela.

**CENA 318 – QUARTO DE RONALVO – INT – NOITE**

Ronalvo toca novamente a fita. Seus olhos se enchem de lágrimas.

**GRAVADOR (MEIRE V. OFF)**

Todas crianças já sabem  
que todas elas cabem no nosso balão  
sou feliz por isso estou aqui também  
quero viajar nesse balão...

**CENA 319 – PAREDÃO DO AÇUDE – EXT – MANHÃ**

O reflexo do nascer do sol nas águas que jorram do açude, por cima do paredão. Galega e Murilo jogam a rede de pesca no açude.

**CENA 320 – PONTE DO DESVIO – EXT – DIA**

Trabalhadores em carroças de burro, transportam tijolos passam pela ponte do desvio. Galega e Murilo pescam de cima do paredão do açude.

**CENA 321 – SORVETERIA ESPERANÇA – EXT – DIA**

Binho encosta o carrinho em frente a sorveteria. Ronalvo está no balcão, distraído com o gravador, introduz uma fita cassete no gravador. Binho entra com a caixa isopor, aproxima-se de Ronalvo e bate na caixa fazendo barulho.

**BINHO**

Lançamento novo, Ronalvo?

Ronalvo leva um susto, abre a tampa do gravador e retira a fita. Fica com ela nas mãos.

**RONALVO**

Eita, precisava me dar um susto desse?

**BINHO**

Lançamento, Ronalvo? Toca aí, quero ouvir.

**RONALVO**

Essa fita? Não... é coisa velha, uma gravação antiga, é do tempo do ronca. Vou jogar fora. É até perigoso estragar meu gravador.

**BINHO**

Jogue não, eu quero, me dá pra mim.

Ronalvo, com a fita cassete na mão, olha pra Binho. Recoloca a fita de volta no gravador.

**RONALVO**

Promete não contar pra ninguém o que você vai ouvir aqui?

**BINHO**

Eita, Ronalvo, até parece que eu sou fuxiqueiro.

**RONALVO**

Fuxiqueiro não... agora falador você não perde pra ninguém.

Ronalvo, aperta o “play”. Binho, ansioso para ouvir a gravação. Os dois se emocionam e seus olhos se enchem de lágrimas.

**GRAVADOR (MEIRE V.OFF)**

Suely, vamos entrar que a água tá uma delícia. Olha que rio lindo! Obrigada, Suely, por me trazer aqui. Suely, canta comigo. Eu tô muito feliz, é um sonho eu tá aqui.

**GRAVADOR (MEIRE E SUELY, V.OFF)**

Super fantástico amigo  
que bom estar contigo  
no nosso balão  
toda criança já sabe  
que todas elas cabem  
no nosso balão  
até quem tem mais idade  
mais tem felicidade no  
seu coração sou feliz  
por isso estou aqui  
também quero viajar nesse balão.

Ronalvo desliga o gravador. Binho segura a mão de Ronalvo.

**BINHO**

Não, deixe passar mais um pouco.

**RONALVO**

Só mais um pouco. Não fala pra ninguém.

Ronalvo aperta o “play”.

**GRAVADOR (MEIRE V.OFF)**

Socorro, Socorro... Suely eu tô me...  
afogando... Suely... eu...

**GRAVADOR (SUELY V.OFF)**

Chega, Jairo... Meire tá se afogando! Corre!  
Ela sumiu na água. Oh, meu Deus...  
Socorro... Meire, ela sumiu na água! Vem  
logo! Eu ainda peguei no cabelo dela, aqui, a  
gente tava aqui. Aparece, Meire. Oh, meu  
Deus... Meire se afogou. E agora? Meire,  
aparece... Oh, meu Deus... Para de brincar  
comigo... Mãe vai me matar... Oh, mãe, me  
ajude achar a Meire. Ela tava aqui. Ainda  
peguei no cabelo dela...

**GRAVADOR (JAIRO V.OFF)**

Suely, sente ali. Eu vou achar sua irmã. Eu  
vou achar ela.

**GRAVADOR (SUELY V.OFF)**

Ache ela, Jairo, por favor... Oh, meu Deus,  
ajude a gente...

Binho afasta-se do balcão. Vai até a porta da sorveteria, olha pra rua em  
direção à mercearia São José.

**BINHO**

Olha como ficou essa rua. Ela perdeu a vida,  
não vejo mais nenhuma graça em estar aqui.  
Acabou. Olha pra lá, parece que não tem  
mais bar. Cadê o povo? Não tem ninguém...  
Acabou a rua... Acabou o bar acabou-se  
tudo!

**CENA 322 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Em frente à mercearia São José, a mesa de sinuca e de pebolim. Ninguém  
entra nem sai.

**CENA 323 – SORVETERIA ESPERANÇA – INT – DIA**

Ronalvo, ainda no balcão, desliga o gravador. Vai até Binho, abraça-o. Os  
dois saem em direção à mercearia.

**RONALVO**

Amigo, não mudou nada, a vida continua.  
Vamos jogar um pouco e trazer alegria para  
essa rua. Topa brincar? Aceita? Brincar um

pouco de ser feliz. Vamos colocar uma pedra em cima de tudo que aconteceu. E bola pra frente, amigo.

**CENA 324 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Binho roda o varão do pebolim. Ele de um lado, Ronalvo do outro, ambos sorriem.

**RONALVO**

Seu Zé, traz fichas para o pebolim e uma cerveja bem gelada.

**CENA 325 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Marilene traz a cerveja e coloca na mesa. Entrega as fichas na mão de Binho. Ronalvo coloca cerveja nos copos e conversa com Marilene.

**RONALVO**

E seu Zé, como ele está?

**MARILENE**

Mal! Meu pai tá muito mal. Ontem bebeu tanto, que tá de cama. Sei não, pai tá sofrendo tanto. Agora voltou até a beber. Chega tenho pena dele.

**RONALVO**

É uma fase muito ruim de superar. Um pai e uma mãe que passam por isso têm de ser muito forte pra superar.

**MARILENE**

Hum... e mãe, que não para de chorar um minuto sequer.

**CENA 326 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Binho coloca a ficha no ficheiro do pebolim, retira as bolas da gaveta e começa o jogo. Detalhar os jogadores girando.

**BINHO**

Ronalvo, é assim que se joga, assim ó... é só puxar um pouco pra esquerda, e um pouco pra direita, e vai direto na trave.

**RONALVO**

É, mas dessa vez, você errou. Toma essa lá



no canto!

Astrogildo para em frente à mercearia. Olha Binho jogando e se aproxima do pebolim.

**BINHO**

Vem, menino, vem jogar, vem que o jogo é nosso.

Dois vaqueiros montados a cavalo param em frente à mercearia. Descem dos cavalos e os amarram num poste em frente. Vão para uma mesa na calçada. Ao fundo, Marilene limpa o balcão com um pano.

**VAQUEIRO 1**

Ei, menina, traz um litro de pinga pra dois vaqueiros.

**MARILENE**

Só um minuto, por favor, eu já tô indo.

Marilene chega e coloca o litro de pinga em cima da mesa, toda sorridente. Ao lado, Binho, Ronalvo e Astrogildo continuam jogando pebolim.

**MARILENE**

Bom dia, os senhores desejam mais alguma coisa?

**VAQUEIRO 2**

Por enquanto não, obrigado, moça.

**MARILENE**

Então, fiquem à vontade.

**VAQUEIRO 1**

A moça não vai achar ruim se esses dois vaqueiros cantarem aqui umas toadas pra passar o tempo?

**MARILENE**

Por mim, vocês podem até cantar forró. Fiquem à vontade. Se precisar é só me chamar.

**VAQUEIRO 1**

Obrigado. A moça é muito gentil.

Os cavalos amarrados num poste. Um menino se aproxima e faz carinho na cabeça de um dos cavalos. Detalhe no jogo de pebolim. O menino deixa os

cavalos e vem jogar ao lado de Ronalvo.

Um vaqueiro acende um cigarro. O outro toma uma dose da pinga e os dois cantam uma toada. Ao fundo, Marilene limpa o balcão.

**VAQUEIRO 1**

O senhor, muito obrigado  
Pelo dom que tu me deu  
Pra cantar essa toada  
Em homenagem, a um amigo meu  
Com o coração de luto  
Para acabar o tributo  
Ao vaqueiro que morreu

**VAQUEIRO 2**

É amor à primeira vista  
de um homem apaixonado  
Mulher ingrata e fingida  
Que despreza o seu amado  
A mulher e a amante  
Deixa o caso complicado  
Pesquisei de mundo afora  
é um viver a riscado  
Mora com duas mulheres  
Sabendo que está errado  
Quando uma lhe despreza  
a outra está ao seu lado  
Quando chega em casa briga

Não quer cuida do café  
Mais a outra é diferente  
Faz tudo que ele quer  
Vai procurar a amante  
e a culpada é mulher  
Vai procurar a amante  
E a culpada é a mulher  
Vida de gado... o... Boi

**CENA 327 – CASA/QUARTO DE SEU ZÉ – INT – DIA**

Um chapéu de couro pendurado na parede. A toada continua lá fora. Uma mão pega o chapéu.

**VAQUEIRO 1 (V.OFF)**

Pensa na agilidade  
Do cavalo bom de gado  
Pensa na folha do mato  
Na enchente do regato  
Da mulher com seu retrato  
Deixa o homem apaixonado

O vaqueiro é comparado  
Com o herói do sertão  
Muito embora apaixonado  
Até o desnutrição  
Vaqueiro também é gente  
Sofre porque vive ausente

### **CENA 328 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Detalhar as pisadas de botas de couro em direção à rua. A toada continua.

#### **VAQUEIRO 1 (V.OFF. CONT.)**

Quase todo mundo sente  
Mágoa, saudade e paixão

#### **VAQUEIRO 2**

Pensa ter aceitação  
Essa toada que fiz  
Quem nunca sentiu saudades  
Nem também teve amizade  
Não diga por caridade  
A ninguém que fui feliz  
Quem nunca sentiu saudades  
Nem também teve amizade  
Não diga por caridade  
A ninguém que fui feliz  
É vida de vaqueiro... e... Boi.

Binho, Ronalvo e os meninos jogam pebolim, param o jogo para observar seu Zé, chegando à mesa dos vaqueiros.

#### **BINHO**

Olha lá, Ronalvo. Agora o velho gago vai  
começar a bebedeira.

#### **RONALVO**

Essa não, agora ele só vai parar amanhã.

Seu Zé chega à mesa usando roupas de vaqueiro. Puxa uma cadeira, enche um copo de pinga e bebe de um gole só.  
Com o rosto abatido e emocionado, puxa uma toada e canta com os vaqueiros.

#### **SEU ZÉ**

Fui menino fui carreiro  
Fui tangerino vaqueiro

Binho enche suas mãos de bolas e joga de uma vez. Os meninos fazem a festa rodando os varões do pebolim. Binho desabafa seus sentimentos para

Ronalvo e sai empurrando seu carrinho.

**BINHO**

Parou! Cadê a Meire?  
Acabou, Ronalvo, acabou. Você tá vendo?  
Não era hora. Deus foi ingrato com ela. Ela  
era uma criança. Não era a hora dela.

**RONALVO**

Binho, se Deus quis assim, quem somos nós  
para pensar o contrario? Quer saber, eu  
também acho que foi muita covardia, não era  
hora.

Seu Zé, emocionado, canta a toada pausadamente com vaqueiros. Ao fundo,  
Marilene, no balcão, olha pra seu pai sofrendo.

**SEU ZÉ**

Fui pião fui boiadeiro  
Das quebradas do país  
Fui homem feliz  
Que amor que foi amado

**CENA 329 – MATADOURO DE BOIS – EXT – DIA**

Binho empurra o carrinho de vender picolé em frente ao matadouro de bois.  
Ao fundo, cavalos em volta do curral. Homens descarregam bois de um  
caminhão.

**SEU ZÉ (V. OFF)**

Fui eu pasto do gado  
cantando a toada diz

**CENA 330 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Marilene, no balcão, olha o pai cantando a toada e bebendo.

**SEU ZÉ (V. OFF)**

O São Jorge

**CENA 331 – CEMITÉRIO LOCAL – EXT – DIA**

Binho para em frente ao cemitério e olha para o portão. Ele se benze e  
segue em direção ao centro. Um menino compra-lhe um picolé. A toada  
continua.

**SEU ZÉ (V.OFF)**

Fui eu homem feliz  
Que amor que foi amado

**CENA 332 – MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL – INT – DIA**

Binho entra no mercado, passa pelo corredor da carne, os feirantes em seus boxes, vendem as suas mercadorias aos gritos. A toada continua.

**VENDEDOR 1**

Olha carne! Essa é da boa.

**VENDEDOR 2**

Aproveita o preço pra levar o restinho.

**VENDEDOR 3**

Leva um kg de carne pra casa, menino. A carne aqui é da boa.

**SEU ZÉ (V.OFF)**

Fui eu o Pastor do gado  
Cantando essa toada diz.

**CENA 333 – FEIRA LIVRE – EXT – DIA**

Binho sai do mercado e passa entre as bancas de feira. Os feirantes gritam.

**FEIRANTE 1**

Ei, compre aqui umas bananinhas!

**FEIRANTE 2**

Final de feira, tudo barato, vamos lá,  
aproveitem.

**CENA 334 – IGREJA VELHA – EXT – DIA**

A porta da igreja está fechada. Binho chega com o carrinho de picolé, para em frente e senta-se no degrau da igreja. Olha para os carros de viagens. Uma caminhonete D-20 para em frente da igreja e oferece carona para Binho.

**MOTORISTA**

Vamos para Água Branca?  
O próximo carro é só daqui meia hora.

**CENA 335 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Seu Zé, com os vaqueiros, toma uma dose de pinga e continua cantando a toada, emocionado e com lágrimas nos olhos.

**SEU ZÉ**

Quando bate as seis horas  
de joelhos sou o sertanejo rezando  
A sua oração... Ave... Maria.  
mãe de Deus Jesus.  
Nos dê força e coragem  
para carregar a nossa cruz.  
Ave Maria... Mãe... de Deus Jesus...

Nos dê força e coragem  
Para carregar a nossa cruz.

**CENA 336 – ASFALTO – EXT – DIA**

A roda da D-20 no asfalto. A câmara sobe e enquadra o motorista com alguns passageiros na cabine. Atrás, na carroceria, também há muitos passageiros sentados. O último da fila é Binho. No bagageiro, em cima da carroceria, está o carrinho de picolé amarrado.

**CENA 337 – BAIRRO BOM SOSSEGO – EXT – DIA**

O motorista para a caminhonete para uma senhora embarcar. Ela olha de um lado a outro na carroceria, e não acha um lugar vazio. Close no rosto de Binho, olhando para aquela senhora.

**CENA 338 – ASFALTO – EXT – DIA**

Mesmo movimento de câmara da cena anterior. Roda da D-20 em movimento no asfalto. A câmara sobe e enquadra o motorista e os passageiros na cabine. Os passageiros na carroceria. Por último, onde estava Binho, agora aparece aquela senhora.

**BINHO (V. OFF)**

Pisa o pé, motorista!

No bagageiro, está Binho, sentado em cima do seu carrinho. Ele abre os braços, respira fundo, observa a paisagem à sua volta.

**CENA 339 – RANCHO ASA BRANCA – EXT – DIA**

Os cavalos correm no cercado do rancho Asa Branca como se estivessem disputando uma corrida com a D-20 no asfalto. Binho continua sentado em cima do carrinho.

**CENA 340 – FAZENDA MANÉ DO BIGODÃO – EXT – DIA**

Pessoas dançam forró. Os vaqueiros disputam uma corrida de laçar argola. A D-20 passa no asfalto. Binho em cima do carrinho.

**CENA 341 – MOTEL – EXT – DIA**

Um casal, em um carro, entra no motel. A caminhonete passa com Binho em cima do carrinho de picolé.

**CENA 342 – CAMINHONETE D-20 – INT – DIA**

O rosto dos passageiros sentados na carroceria da D-20. Suspense no ar.

**CENA 343 – CRUZAMENTO DE MARIA BODE – EXT – DIA**

Tomada aérea mostra um carro de passeio que se aproxima rapidamente do cruzamento em sentido oposto ao da D-20.

**CENA 345 – CAMINHONETE D-20 – INT – DIA**

O motorista pega um maço de cigarros no bolso de sua camisa, tira um cigarro com a boca, coloca o maço de volta no bolso e pega o isqueiro.

Continua olhando para estrada.

#### **CENA 346 – CARRO DE PASSEIO – INT – DIA**

O carro de passeio se aproxima do cruzamento, em sentido contrário ao da D-20. O motorista ouve música em volume alto. Uma tomada de dentro do carro mostra a caminhonete se aproximando.

#### **CENA 347 – CRUZAMENTO DE MARIA BODE – EXT – DIA**

Tomada aérea. Os dois veículos se aproximam. Binho sentado em cima do carrinho de picolé. O motorista da caminhonete acende o cigarro e olha pra sua frente. Vê o outro veículo a tempo de pisar no freio, evitando a colisão. Tomada de dentro da caminhonete. Binho cai, com a tampa do carrinho, entre os dois carros. Pessoas saem do posto de gasolina e correm em direção aos carros.

O corpo de Binho caído entre os dois carros. Sangue espalhado pelo asfalto. Uma multidão observa o corpo. Ao lado, a tampa do carrinho.

Os olhos de Binho lacrimejando. Ele ainda enxerga a multidão. Som de sirene de ambulância. Os olhos vão desfocando. Fade-out muda a cena.

#### **CENA 348 – RUA – EXT – DIA**

Dona Maria varre a frente de sua casa. Ela para ao ouvir a musica do Balão Mágico. Por alguns instantes, ela presta atenção, reconhece a voz de Meire. Ela larga a vassoura, olha assustada de um lado a outro da rua.

#### **MEIRE (V.OFF)**

Superfantástico amigo  
Que bom está contigo  
no nosso balão...  
Toda criança já sabe  
que todas elas cabem  
no nosso balão...

Dona Maria anda em direção ao som, que vem da Sorveteria Esperança.

#### **MEIRE (V.OFF)**

Sou feliz por isso estou aqui  
Também quero viajar nesse balão...

#### **CENA 349 – CASA DE RONALVO/QUARTO – EXT/INT – DIA**

O portão do muro da casa fechada. Dona Maria chega, olha de um lado ao outro da rua, empurra o portão lentamente e entra vagarosamente.

Porta da casa entreaberta. Dona Maria entra na casa. Ela chega ao quarto de Ronalvo e para na porta.

#### **SUELY (V.OFF)**

Meu Deus... Meire...  
Meire... aparece por favor... Meire a parece...  
Socorro, Socorro... Meire se afogou...  
Socorro, Socorro... mãe vai me matar... ai  
meu Deus...

**RONALVO (V.OFF)**

Encontrei... corre, ela tá aqui, chega gente...

Ronalvo sentado na beira da cama, ouve o gravador, emocionado, cabeça baixa, esfrega as suas mãos no rosto. Dona Maria olha pra ele através da porta entreaberta do quarto. Ela empurra a porta sem que ele perceba e entra.

**DONA MARIA (V.OFF)**

O que está fazendo Ronalvo?  
Você quer acabar comigo, hem?

Ronalvo se assusta ao ouvir a voz de Dona Maria. Desliga o gravador rápido.

**RONALVO**

Dona Maria... eu só... tava... eu...

**DONA MARIA**

Pare de gaguejar! Agora me explique, essa voz é da minha filha, não é? Não me diga que é natural uma pessoa...  
Ronalvo me dê essa fita... Você não pode brincar com o sentimento dos outros assim, dessa maneira. Só Deus sabe o meu sofrimento. Agora me dê essa fita, Ronalvo.

Ronalvo tira a fita do gravador e, com os olhos lacrimejando, entrega-a para Dona Maria.

**RONALVO**

Dona Maria, me desculpe eu...  
Eu só queria saber como é que a gente não percebeu que ela... Eu não consigo entender, estávamos todos cantando, rindo, caindo na água. Quando ouvi os gritos, meu Deus...  
Foi uma loucura, um desespero total.

A fita nas mãos de Dona Maria. Flashback.

**CENA 350 – RIO SÃO FRANCISCO – EXT – DIA**

Ronalvo com as costas viradas para o rio São Francisco, coloca uma fita no gravador e aperta o botão REC. Ele ouve os gritos de socorro e sai correndo. A fita cassete rodando no gravador. Som da água corrente do rio, gritos de socorro, gente correndo, uma fala após outra e muito choros.

**MEIRE (V. OFF)**

Socorro, Socorro, socorro...



**RONALVO (V. OVER)**

Essa não... Meu Deus... Meire tá se afogando.

**SUELY (V. OFF)**

Jairo, vem, ela tá... se afogando... salva ela... Jairo...

Oh, meu Deus... ajude minha irmã... socorro... ajuda ela...  
Oh, meu Deus... salve... minha... irmã... oh, nossa senhora...  
Mãe... vai me matar...  
Meire... Meire... saia da água agora...  
Deixe de brincadeira mulher... saia da água... oh, meu Deus.

**JAIRO (V.OFF)**

Essa não, meu Deus... eu prometi pra mãe dela...  
Essa não, meu Deus... que eu faço agora...

**ANTÔNIO DIAS (V.OFF)**

Jesus Cristo eu não acredito...  
É a Meire... meu Deus, essa não...

**SUELY (V.OFF)**

Vai... Ronalvo, ela tava ali... oh, meu Deus... Ajuda minha irmã.

**RONALVO (V.OFF)**

Calma... espere... um pouco... onde vocês tava?

**SUELY (V.OFF)**

Agente, tava, ali... não era... bem aqui... era bem aqui...  
E, ela afundo de vez... parece que caiu num buraco... tem...  
Buraco... aqui... ela afundou aqui... ela afundou num buraco...

**BINHO (V.OFF)**

Tem... uma coisa ali... parece um pano... Ronalvo lá na frente...

Suely sentada à beira do rio, de cabeça baixa, chora e soluça muito. O gravador está em cima de uma pedra.  
Ronalvo sai de dentro do rio com o corpo de Meire em seus braços. Ele olha

de um lado a outro, com os olhos cheios de lágrimas. Binho, Antônio Dias e Jairo, todos olham comovidos para o corpo. Ronalvo coloca o corpo de Meire ao lado de Suely, que continua sentada chorando muito. Ela fica de joelhos, bate no peito de Meire. Rosto de Meire. Suely tenta fazer respiração boca a boca. Gravador com a fita cassete rolando dentro.

**SUELY (V.OFF)**

Meire, não... por favor, abre os olhos, sou eu... sua irmã... Não brinca... Deve ser um sonho... só pode... só pode ser um sonho... Lembra?... Você sonhou... Você sonhou... oh, meu Deus, não faça isso comigo... Traz minha irmã de volta...

Me leve no lugar dela... Meu Deus, Jairo, me fala que isso não é verdade.

Jairo abraça Suely. Binho sentado próximo ao corpo. Antônio Dias olha pra cima, observa a subida, a trilha de volta. Close do seu rosto, seus olhos cheios de lágrimas.

**CENA 351 – LADEIRA DA TRILHA – EXT – DIA**

O mato, as enormes pedras, os degraus que atravessam a mata.

**CENA 352 – POVOADO LAGOINHA – EXT – DIA**

A Rural passa pela estrada batida de terra em alta velocidade, levantando poeira. Ao fundo, o campo de futebol com os times jogando.

**CENA 353 – PAREDÃO DO AÇUDE – EXT – DIA**

Um homem, numa bicicleta se joga dentro do açude para não ser atropelado pela Rural. Levanta-se todo molhado, xinga e faz gestos obscenos.

**HOMEM**

Vai atropelar sua mãe, filho de um corno safado.

**CENA 354 – PONTE DO RIACHO GRANDE – EXT – DIA**

Urubus comem um animal morto na cabeceira da ponte. A rural passa em cima da ponte em alta velocidade. Os urubus voam assustados.

**CENA 355 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Seu Zé, encostado no balcão, atende clientes. Ele olha pra rua com um olhar triste. Coloca sua mão no peito esquerdo massageando. A câmara passa entre os clientes em direção à rua. Alguns clientes bebem, outros fumam, jogam sinuca ou pebolim.

**CENA 356 – RUA – EXT – DIA**

A Rural para a uns 500 metros de distância da mercearia. Ronalvo e Binho desembarcam. A porta da Rural se fecha.

**CENA 357 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – EXT – DIA**

Uma bola de bilhar cai da mesa e rola pra rua. Pebinha, que está ao lado da mesa de sinuca, corre para pegar a bola. A Rural freia bruscamente, quase atropelando Pebinha, que fica com os olhos arregalados, frente a frente com o carro.

**CENA 358 – HOSPITAL ANTENOR SERPA – EXT – DIA**

A Rural entra pelo portão principal em alta velocidade, quase atropelando um casal que passava pelo local. O casal se joga na calçada.

**CASAL**

Seu maluco! É muita cara de pau.

A Rural para em frente à parada de emergência. Antônio Dias desce do carro aos gritos. Jairo desce em seguida e Suely desmaia em seus braços.

**ANTÔNIO DIAS**

Socorro, socorro! Uma maca, por favor!  
Alguém me ajude! Socorro! Alguém, por favor, me ajude!

**CENA 359 – HOSPITAL/CORREDOR – INT – DIA**

Médico e enfermeiros empurram maca pelo corredor do hospital.

**CENA 360 – HOSPITAL ANTENOR SERPA – EXT – DIA**

O camburão da polícia entra pelo portão principal em alta velocidade e estaciona junto ao portão de acesso ao necrotério. O delegado buzina e o portão se abre.

**CENA 361 – NECROTÉRIO/SALA – INT – DIA**

Um corpo em cima da mesa, coberto com um lençol. Silêncio na sala. A porta do necrotério abre lentamente. Entra um médico. Ao fundo, vê-se o camburão da polícia estacionado em frente à porta.

O delegado entra na sala junto com o médico.

O médico puxa o lençol descobrindo o rosto daquele corpo. O delegado fica surpreso ao fazer o reconhecimento, mexe a cabeça de um lado a outro,

**MEDICO**

O delegado... Parece que conhece a moça?

**DELEGADO MARCOLINO**

Sim, Doutor. Essa menina... Praticamente, eu vi ela

crescer. Ela é quase da família. Mas como foi isso? Doutor, como isso foi acontecer?

**MEDICO**

Sabe como é, delegado, esse rio é muito traiçoeiro e todo ano é dois, três. Que saber? Teve tempo aqui que não parava de chegar corpo, todos vítimas de afogamento. Um rio onde não tem nenhum salva-vidas, aberto ao público em geral, e a cidade não tem diversão para os jovens. Domingo, no calor, vão tomar banho de rio. Acontece isso.

**DELEGADO MARCOLINO**

O pai já sabe, doutor?

**MEDICO**

Por enquanto, só a irmã e o cunhado. Os dois estão em estado de choque e já foram medicados. Eles chegaram com o corpo. E tem um motorista que veio junto.

**CENA 362 – CASA/QUARTO DE DONA MARIA – INT – DIA**

Chama de uma vela na mesa de fazer orações. Em silêncio, Dona Maria reza de joelhos. A vela se a paga.

**CENA 363 – MERCEARIA SÃO JOSÉ – INT – DIA**

Seu Zé, no balcão, coloca a sua mão no peito, sente algo estranho. Vai saindo vagarosamente, passa entre os clientes, em transe. Ele mal escuta as pessoas falando.

**AFONSO**

A conta, seu Zé!

**MURILO**

Seu Zé, e minha pinga?

**GALEGA**

O que tá acontecendo?

**MIGUEL**

Nunca vi ele assim! Ih, eu acho que o velho tá pirando.

Seu Zé continua caminhando até a calçada e olha pra rua.

**CENA 364 – MERCEARIA SÃO JOSÉ/RUA – EXT – DIA**

Binho e Ronalvo vêm subindo a rua, em direção à mercearia, a uma distância de uns 100 metros. Seu Zé olha pra eles. Pebinha aparece ao lado de seu Zé.

**PEBINHA**

Ei, oh, acorda, seu Zé! Ei, meu capitão! Oh, fala comigo, fala comigo.

Binho e Ronalvo continuam vindo, agora a uns 50 metros de seu Zé que está parado na frente da mercearia com seus olhos fixos neles. Seu Zé vai de encontro a eles. Caminha vagarosamente. Os clientes, na calçada da mercearia, estão com os olhos voltados para aquele encontro. Seu Zé para em frente dos dois como se fossem participar de um duelo. Os clientes ficam parados, tiram conclusões exageradas.

**AFONSO**

Essa não... Mas o que será que houve?

**MURILO**

Parece que o bicho tá solto por aqui.

**GALEGA**

Mas o que aconteceu?

**ASTROGILDO**

Parece que eles vão brigar.

Os três estão parados a uns 15 metros da mercearia. A câmara gira em torno dos três. Rosto de cada um. Ao fundo, os clientes amontoados. Pessoas que passam pela rua param em frente à mercearia, aumentando a multidão. Afonso aproxima-se de Pebinha, que já está meio bêbado.

**AFONSO**

O que houve, Pebinha?

**PEBINHA**

Olhando pra cara deles... Não tenho dúvida que saíram sem pagar a conta. É por isso que eu prefiro pedir uma dose. Mas não faço isso, sair sem pagar a conta.

**AFONSO**

Você fala pra burro, hem! Foi por isso que quase apanhou no outro dia. Você fala muito, Pebinha. Sei não, mas acho que a coisa ali é séria, muito séria. Eu nunca vi seu Zé assim. Sei não, ali tem coisa.

Dona Maria sai de sua casa e se junta à multidão em frente à mercearia. Ponto de vista da multidão: seu Zé conversa com Ronalvo e Binho. Primeiro, calmamente, depois, cada vez mais exaltado, agita os braços, enquanto Ronalvo e Binho ficam de cabeça baixa. A multidão abre passagem para Dona Maria passar. Ela caminha em direção ao seu marido. Ela o abraça, esboça, choros e gritos, em seguida desmaia em seus braços.

### **CENA 365 – CEMITÉRIO LOCAL – INT – DIA**

O túmulo de Meire. O túmulo de Dona Maria. Entra um texto sobre a imagem. Música Ave Maria.

Mereleyde Lacerda Vieira morreu em 23 de outubro de 1983, aos 15 anos de idade. Sua mãe, Maria José Vieira, morreu poucos anos após. Ela nunca se perdoou, pela morte da filha, sentia culpa e sonhava sempre com a filha. Nos sonhos, Meire pedia que não

ficasse triste, pois estava num lugar bom e feliz.

Seu pai, José Vieira, vendeu a mercearia São José e mudou de residência.

Seus irmãos deixaram de frequentar o rio São Francisco.

Todo ano, há vítimas de afogamentos no rio São Francisco.

A música do Balão Mágico traz recordações para todos os amigos e parentes, de Meire.

## O SONHO DE MEIRE

Roteiro cinematográfico de  
Jailton Luiz da Silva

“Este filme foi baseado em fatos reais e é dedicado  
à memória das personagens que o inspirou”

Sobem os créditos finais

